

De portos abertos

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNÍ-VOS!

A Classe Operária

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

ANO 66 — VI FASE — N: 46 — DE 06 A 19 DE JULHO DE 1990 CR\$ 45,00



O governo Collor propõe uma política industrial que internacionaliza ainda mais a economia brasileira, sufoca setores de ponta como a informática e a indústria farmacêutica e resulta, ao contrário do que alega a retórica conservadora, em subsídios ainda mais generosos às empresas particulares. (páginas 7 e 8)

O fisiologismo em nome de Deus

A Classe analisa o crescimento estrondoso das religiões pentecostais no Brasil, mostra as mil e uma artimanhas dos pastores para enriquecer às custas dos miseráveis e denuncia: seitas recebem dinheiro do exterior para interferir nas eleições e eleger bancada parlamentar comprometida com o conservadorismo e os preconceitos. Pág. 17

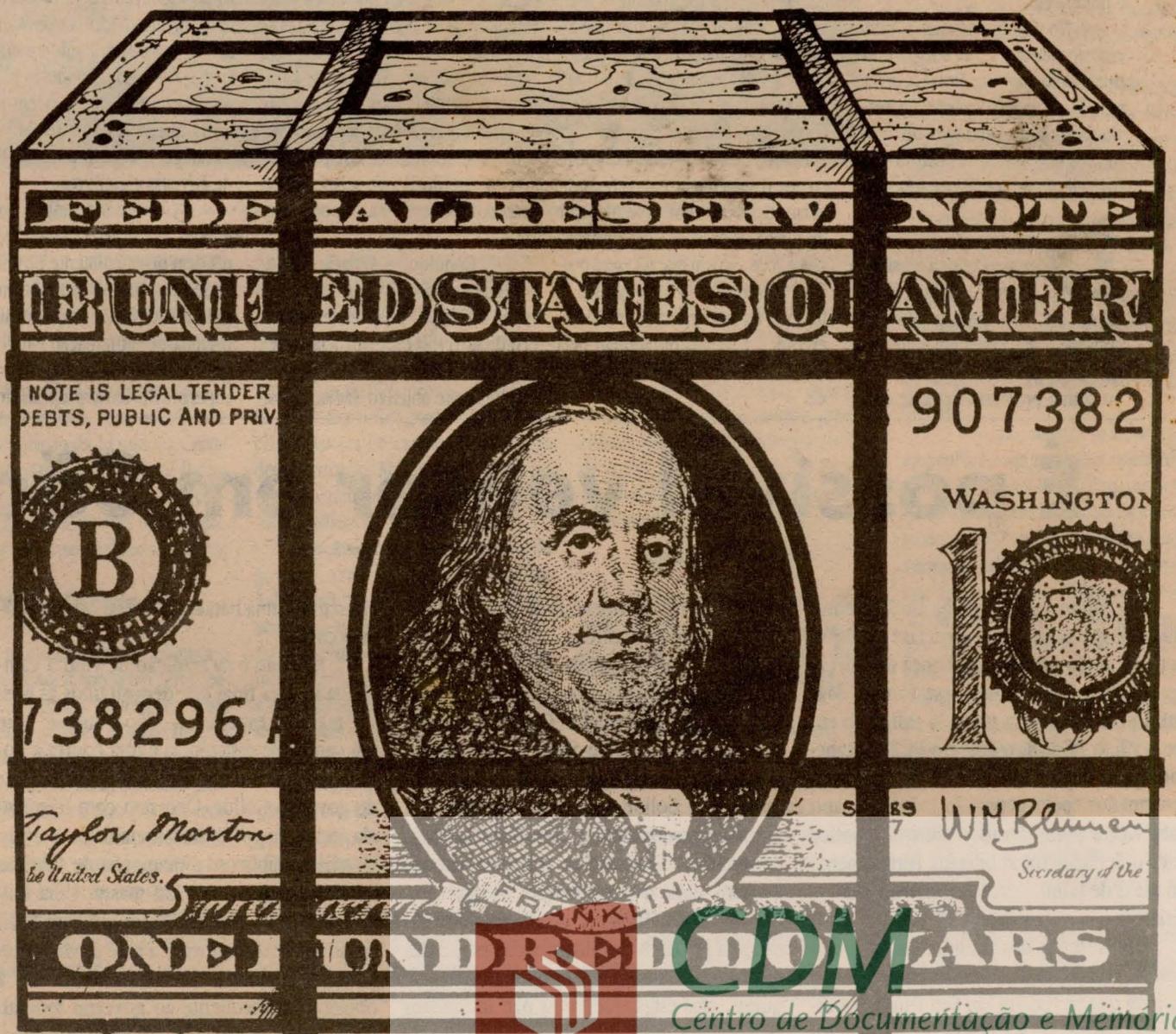
Começa a fase quente da campanha eleitoral

Passadas as convenções e definidas as coligações e chapas majoritárias e proporcionais para o pleito de 3 de outubro, a campanha eleitoral entra agora em nova etapa, de mobilização das massas e conquistas dos votos do eleitorado. Isto num momento em que cresce o desgaste do governo e aumenta a luta dos trabalhadores por seus direitos. Leia no Editorial (pág. 2 e nas páginas 3 a 6)

"Dossiê H" de Kadaré é lançado no Brasil

O maior romancista albanês, considerado um dos melhores da atualidade pela crítica européia, indicado para o prêmio Nobel, é traduzido no Brasil pela Companhia das Letras e faz sucesso entre os leitores. Págs. 21 e 24

DESTINO BRAZIL



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

ANO

E D I T O R I A L

Eleições, batalha prioritária

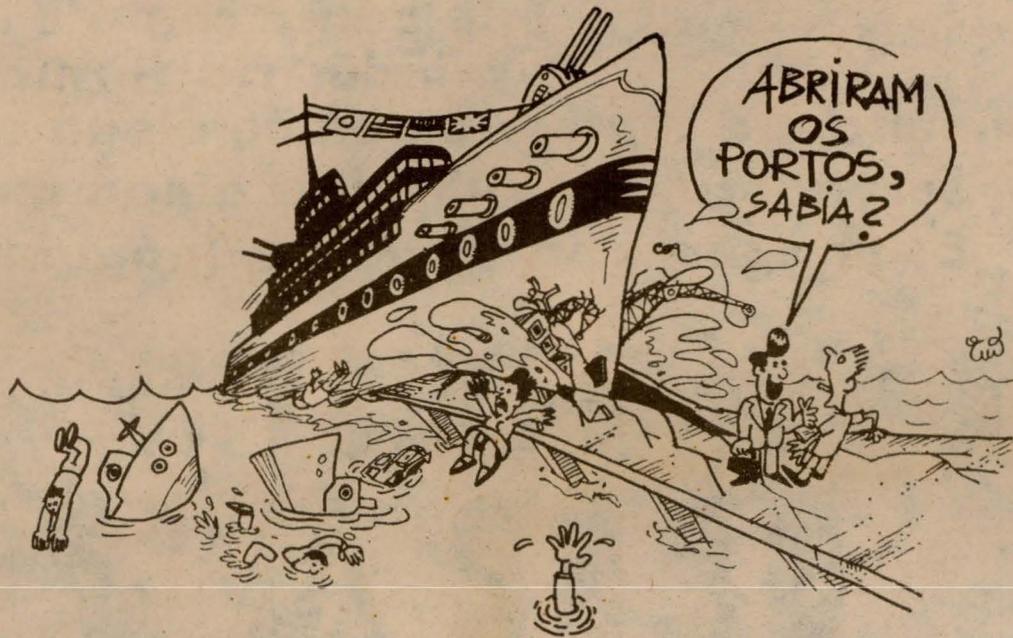
A partir deste mês o país começa a viver nova fase em sua vida política. Daqui até o início de outubro as atenções dos partidos político, do governo, da imprensa e da opinião pública estarão voltadas para as eleições aos governos estaduais, às Assembléias Legislativas e ao Congresso Nacional.

A eleição deste ano, a primeira sob o governo Collor, é batalha política da maior envergadura. Nela estarão em confronto projetos políticos distintos, antagônicos. Medirão forças os setores representativos de cada pólo em que se divide hoje a sociedade brasileira.

De um lado o governo, representado por diversas agremiações conservadoras e reacionárias. No pólo oposto, as forças da oposição democrática e popular. Na verdade, o cenário apresenta uma contenda entre as elites dominantes aliadas ao capital estrangeiro e os segmentos nacionalistas, democráticos e populares.

No fundo, retrata-se neste embate eleitoral a luta entre os que pretendem manter o Brasil acorrentado às amarras da miséria, do autoritarismo e do subdesenvolvimento e os que anseiam construir uma pátria livre, democrática e soberana.

De depois da eleição de Fernando Collor à Presidência da República, à custa de artifícios propagandísticos, conseguiu-se acender um fogo fátuo que ofuscou a gente simples do povo com a promessa vazia de cons-



truir um "Brasil Novo". Mas em pouco tempo a luz apagou, o fogo sumiu, a noite chegou e o que se tornou claro foi a mediocridade, o falhanço das promessas vãs e o desencanto de viver uma situação cada vez mais trágica e miserável. Fernando Collor e o esquema político que o sustenta fazem os mais diversos tipos de artimanhas para sair do pleito de outubro com posições favoráveis. Sabem que não será possível governar sem o Congresso, à base do recurso permanente ao decreto-lei, a menos que optem pela ditadura. Mas isto também não é fácil.

O ambiente político vigorante no país fala mais dos anseios democráticos do povo do que da possibilidade de consumir aventuras golpistas. Por isso, o presidente aposta suas fichas e joga no êxito das forças conservadoras, a fim de dispor de um Congresso dócil e de governos estaduais que sejam apenas caixas de ressonância do poder central.

Contudo, a situação política que o país vive no momento após o fracasso do plano econômico do governo e a evidência de seu estilo autoritário, que conduzem a um desgaste objetivo das suas posi-

ções e a um conseqüente isolamento político, mostra-se favorável ao crescimento das forças oposicionistas na luta eleitoral em curso.

A oposição popular não pode deixar de levar isso em conta agora que se trata de formular sua estratégia e organizar seu exército de ativistas e eleitores.

Conta com amplas possibilidades de desenvolvimento, que residem principalmente no ambiente de resistência e luta reinante em toda a sociedade. Pode considerar o clima de intimidação provocado pela ofensiva inicial do governo foi superado devido às próprias circuns-

tâncias.

Portanto, as perspectivas estão abertas. E elas devem ser tanto mais vislumbradas quanto maior for a convicção da prioridade da batalha eleitoral no atual quadro político do país. Assim como o governo depende, para sua sobrevivência, de um sucesso imediato nas urnas, reciprocamente, para vingar um projeto oposicionista conseqüente, as forças que se alinham nesse campo precisam colher expressivas vitórias nas urnas.

O desenvolvimento das lutas democráticas, nacionais e populares depende em grande medida de uma alteração significativa na correlação de forças ao nível institucional. Para os rumos imediatos e futuros que tomarão essas lutas, exerce influência decisiva a composição que assumirá a partir do próximo ano o Congresso Nacional e o perfil dos governos dos principais Estados da Federação.

Por isso, as forças progressistas, que apesar das vicissitudes encontraram meios de se unir para enfrentar a direita nas urnas, devem a partir de agora concentrar todos os seus esforços na campanha eleitoral. Até outubro, nenhuma tarefa será mais importante do que a conscientização e a mobilização do povo brasileiro a fim de que as eleições majoritárias e proporcionais deste ano seja um marco assinalado no conjunto do processo de luta pela emancipação nacional e social.

É possível vencer em São Paulo

Olival Freire*

O anúncio da coligação União Democrática Popular abre uma nova fase na disputa da sucessão paulista. A aliança das forças de esquerda foi a última a se formar. Mas entra na disputa para valer. A coligação entre o PT, o PCdoB, o PSB e o PCB, encabeçada pelo deputado Plínio de Arruda para governador, pelo deputado João Hermann para vice e pelo vereador Eduardo Suplicy para o Senado, foi anunciada formalmente no dia 2 de julho, em ato na Assembléia Legislativa.

A presença dos presidentes nacionais destes partidos deu a dimensão adequada à disputa que se travará em São Paulo. A burguesia paulista e o governo Collor não espe-

ram surpresas. Apresentam-se com duas alternativas, uma de direita extremada, a candidatura Maluf, e outra de direita, a candidatura Fleury, bancada pelo continuísmo conservador do governador Orestes Quércia. Também aparece com força a candidatura do tucano Covas, que começa a falar em oposição a Collor mas, é uma candidatura de rabo preso nas elites conservadoras, como Antônio Ermírio, ou nos tucanos que sonham com a participação no governo Collor, como Montoro, candidato ao Senado pelo PSDB. A candidatura das esquerdas apresenta de início baixos índices nas pesquisas. Mas estes resultados não intimidam esta aliança. Não seria a primeira vez que

viraríamos uma batalha eleitoral no seu próprio curso.

Mas não é na tradição de virar a campanha na reta final que depositamos as nossas maiores esperanças. São Paulo é hoje um centro de resistência e luta contra a política econômica antinacional e antipopular do governo Collor. Ocorrem com frequência greves de portuários, metalúrgicos e funcionários públicos, e ocupação de fábricas quando de demissões em massa. Uma única candidatura em São Paulo tem condição de dirigir-se diretamente a este povo em luta, apresentando-se abertamente como a oposição conseqüente ao governo federal. É a candidatura de Plínio Sampaio pela alian-

ça das esquerdas. E já na semana do seu anúncio estes candidatos começaram os comícios de porta de fábrica na região do ABC, obtendo grande receptividade da parte dos operários. Uma campanha de massas, de oposição decidida, nos levará ao segundo turno. E um resultado desta natureza alterará a correlação de forças existente no país.

Os comunistas paulistas, que se empenharam decididamente na construção desta frente entre os partidos de esquerda, estarão nas primeiras linhas deste combate, buscando derrotar a direita e eleger os parlamentares comunistas.

CDM
Centro de Documentação e Memória
da direção nacional
Fundação Maurício Grabois

Começa nova etapa na campanha eleitoral

José Reinaldo Carvalho

Passada a Copa do Mundo, o país começa a viver em clima de campanha eleitoral. Dentro de pouco mais de dois meses a população voltará às urnas a fim de eleger deputados estaduais, deputados federais, senadores e governadores em todos os Estados da Federação. As cartas estão na mesa, as candidaturas definidas e todas as forças políticas do país representadas.

Três blocos

Desenha-se desde já um quadro em que três blocos principais disputam a conquista de maior espaço político. Um deles é integrado por forças retrógradas, de direita, em geral alinhadas com o governo federal. Tem por objetivo empalmar o poder estadual e alcançar sólida maioria no Congresso, a fim de levar a efeito seu plano antinacional e antipopular.

Outro, seu antípoda, é o das forças democráticas, progressistas e populares, representativas de amplas parcelas dos trabalhadores e dos setores médios da população. Este bloco, que concorre às eleições representado por diferentes coligações de acordo com a realidade de cada Estado, luta para alterar a atual correlação de forças no Congresso Nacional e democratizar a vida política e a administração pública dos Estados. É um objetivo de longo alcance e de importância estratégica no processo de acumulação de forças na luta nacional e popular, uma vez que a satisfação dos anseios das massas e a solução dos problemas estruturais do país sempre esbarra no conservadorismo dos governos estaduais e do Congresso, que em geral agem como caudatários do governo central.

O terceiro bloco é o da oposição burguesa, que tem contradições objetivas com o governo Collor e um projeto próprio para o país, de horizontes limitados. Em geral, esse setor adota politicamente posições de centro e encontra-se enfraquecido, ressentindo-se ainda dos golpes que sofreu quando das eleições municipais de 1988 e principalmente das presidenciais de 1989.

Um fato dos últimos dias ilustra a posição estratégica que o Congresso ocupa hoje na vida política brasileira e, em função dela, a necessidade que as forças progressistas têm de serem representadas ali por uma expressiva bancada de deputados e senadores. Trata-se do episódio de aprovação de uma lei salarial pela Câmara, contrariando as posições do governo que insiste no arrocho. A lei não foi votada pelo Senado devido a uma vergonhosa manobra



Grandes atos de massas podem ser realizados na presente campanha eleitoral

anti-regimental e anticonstitucional do presidente daquela Casa, Nelson Carneiro, que agiu mancomunado com o Planalto. Os partidos progressistas entraram com ação junto ao Supremo Tribunal Federal visando a obrigar o Congresso a reabrir seus trabalhos e concluir a votação da lei salarial. Certamente, com outra correlação de forças no Congresso, dificilmente seu presidente agiria como sátrapa do Executivo com tamanha serenidade e cinismo.

Chances da esquerda

O momento em que começa a campanha eleitoral apresenta certas peculiaridades a serem levadas em conta pelas forças populares, a fim de tirarem bom proveito da disputa. Diferentemente da expectativa inicial, o quadro político atual é caracterizado por um crescente desgaste do governo federal. O plano econômico mostrou, muito antes do que se esperava, seu caráter antioperário, antipopular e antinacional. Em pouco tempo, tornou-se evidente a inconsistência das medidas econômicas.

A inflação volta aos dois dígitos e sua tendência é continuar subindo.

As finanças públicas continuam desorganizadas e o descontrole se anuncia.

Politicamente o governo deixou a nu seu viés autoritário. Tenta impor sua vontade através do decreto-lei, travestido em medida provisória. Não leva em conta o Congresso nem o Judiciário. Aposta no carisma pessoal e na desinformação. Mas já sofre a amargura do isolamento e defronta-se com elevados índices de rejeição popular.

A par do desgaste objetivo do governo, cresce a resistência popular à deterioração do nível de vida, ao desemprego e a todas as investidas contra seu poder aquisitivo. Os meses de maio e junho foram repletos de greves e manifestações de diversas categorias trabalhistas. E tudo indica que esta é uma tendência a perdurar.

Nesse quadro, criam-se condições favoráveis ao desenvolvimento e consolidação de uma política de oposição democrática, nacional e popular, que necessariamente se expressará no pleito de outubro e poderá ter desdobramentos ao nível da articulação e organização das forças progressistas. Assim, objetivamente, acumulam-se fatores a um bom desempenho eleitoral dessas forças.

Precisamente neste momento vivemos uma virada de etapa no processo eleitoral. Até agora, transcorreu a etapa preparatória, de definição de forças, concertação de alianças, escolha das chapas majoritárias, indicação dos candidatos majoritários e proporcionais. Esta etapa se encerrou no final de junho, com o esgotamento do prazo para a realização das convenções partidárias.

Luta pela unidade

Foi um período tortuoso, repleto de vaivéns, em que não raro os partidos populares se depararam diante de encruzilhadas, alguns impasses e até mesmo armadilhas.

A partir dos ensinamentos colhidos da campanha presidencial do ano passado, as forças mais lúcidas da esquerda chegaram à conclusão de que seria indispensável, para enfrentar o governo Collor e obter êxito nas eleições deste ano, manter a aliança formada durante o segundo turno. O que implicaria unir na campanha deste ano partidos como PCdoB, PT, PSB, PDT, PSDB, PCB e até mesmo dissidentes do PMDB.

Seria natural que, a partir da for-

Antônio Coutinho (Paulista)

mação de uma tão ampla e diversificada frente a nível nacional, os partidos que a constituíssem indicassem candidatos a cargos majoritários consoante a força e o peso específico que tivessem em cada Estado. Assim, por exemplo, seria lógico que em São Paulo e em Minas Gerais o candidato a governador fosse indicado pelo PT; no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul pelo PDT; em Pernambuco pelo PSB, partido no qual ingressou o ex-governador Miguel Arraes; e assim por diante, com o compromisso de que, feita a indicação, os demais partidos da frente apoiariam.

Mas em muitos Estados, infelizmente nos mais importantes, a unidade mais ampla foi comprometida porque em alguns partidos prevaleceram interesses exclusivistas e particularistas. O PT, que seria parte importantíssima numa articulação de tamanha envergadura, decidiu fechar questão quanto ao lançamento de candidatos próprios na maioria dos Estados. E em muitos deles rejeitou propostas de coligação. Essa foi a vicissitude maior desse primeiro período do processo eleitoral.

A esse respeito, é de destacar o comportamento político do Partido Comunista do Brasil. Os comunistas não aceitaram o isolamento, rejeitaram a armadilha e flexionaram sua tática no sentido de aglutinar setores afins e formar alianças amplas, baseadas em programas avançados, de caráter oposicionista, com bandeiras democráticas, nacionais e populares. No fundamental, os comunistas saem desta primeira etapa do processo eleitoral muito bem situados.

Por isso, sentem-se à vontade e empenham toda energia e criatividade de sua militância no esforço que, a partir de agora, será redobrado e concentrado, para eleger os candidatos a governador, vice-governador e senador que encabeçam as coligações de que fazem parte e para conquistarem as vagas a que fazem jus nas Assembleias Legislativas estaduais e no Congresso Nacional. Esta foi a principal conclusão de uma reunião ampliada da Comissão Executiva Nacional do PCdoB, em 3 de julho.

A campanha entra agora numa nova etapa - a da ampla mobilização de massas em ações políticas que podem e devem se mesclar com as lutas sociais em curso.

Paralelamente a isso, as forças progressistas se lançarão à tarefa de promover eleições programadas, com um programa democrático e popular e conquistar o voto do eleitorado.

Convenção no Paraná sela aliança ampla

O PCdoB do Paraná realizou sua convenção regional dia 23, com a presença entusiástica de representantes das cerca de 80 comissões provisórias do Partido no Estado. A aliança Paraná Democrático, que reúne o PCdoB, PSDB, PCB e informalmente o PDT foi aprovada pelos convenicionais, que também sufragaram o nome do sindicalista Paulo Aguilera como candidato a deputado estadual dos comunistas do Paraná.

Acompanhada pelo jornalista Rogério Lustosa, da Executiva do Diretório Nacional, a convenção paranaense viveu durante todo o dia 23 os reflexos das difíceis negociações entre o PSDB e o PDT. O acordo entre os dois partidos definiu que nas majoritárias a candidatura ao Senado seria de um ex-peemedebista, abrigado hoje no PDT, o deputado federal Hélio Duque. No entanto a convenção do PDT não encaminhou o acordo, selado na presença de Leonel Brizola, levando o PSDB a romper a coligação à 1 hora da madrugada de domingo. Novas articulações têm sido realizadas no sentido de reunificar a frente Paraná Democrático, que já conta com a adesão da



Aguilera: defesa dos interesses dos trabalhadores paranaenses

maioria do PDT em torno de José Richa para o governo estadual e Eulclides Scalco como seu vice e o ex-prefeito de Curitiba, Maurício Fruet, para o Senado.

O representante da direção nacional do PCdoB, Rogério Lustosa, lembrou que "O PCdoB é o partido da unidade e da liberdade, o que justifica uma aliança tão ampla no Paraná". O presidente do PCdoB paranaense, Jorge de Souza, informou aos convenicionais que "realizou-se todo o esforço no sentido de incorporar à frente todas as forças de esquerda e centro-esquerda do Estado, e temos certeza de que o pólo mais

avançado hoje no Paraná, e que enfrentará Collor e Álvaro Dias, é o de que participamos hoje".

A convenção teve a presença dos deputados federais Nelton Friedrich e Tadeu França, este presidente do PDT, além de vereadores, como o presidente da Câmara Municipal de Curitiba, Jorge Bernardi.

O candidato comunista

Num emocionado discurso, o candidato Paulo Aguilera expôs os compromissos programáticos do Partido nestas eleições: "não temos dúvida de que a soberania nacional, a reforma agrária e o fim dos monopólios são o centro da nossa plataforma, mas temos também um programa paranaense, que mostra as principais contradições do Estado, e indica que a derrota de Álvaro Dias e Collor no Paraná exige a união de todas as forças democráticas e de esquerda para a defesa dos interesses legítimos dos trabalhadores paranaenses".

Após a convenção, uma festa reuniu os convenicionais até de madrugada na sede do PCdoB.

O candidato do PCdoB a depu-

tado estadual é importante liderança sindical paranaense. Secretário geral da Associação dos Empregados da Caixa Econômica, Aguilera é dirigente da Corrente Sindical Classista da CUT. Toda a sua trajetória é ligada às lutas populares.

Desde o final da década de 70, Aguilera passou a militar como dirigente estudantil no interior. Presidiu o Diretório Acadêmico da Faculdade de Umuarama, norte do Estado. Bancário da Caixa, passou a atuar no movimento sindical na sua região, como secretário geral do seu sindicato.

Em Curitiba, em poucos meses tornou-se um dos principais refe-

renciais de luta do pessoal das estatais, particularmente da Caixa.

O programa de Aguilera enfoca com destaque a defesa dos interesses dos assalariados rurais e urbanos no Estado.

Os pequenos e médios produtores rurais e a pequena e média empresa paranaenses estão entre aqueles que recebem a atenção de Aguilera, contra os grandes monopólios e latifúndios do Estado.

O novo modelo de desenvolvimento, baseado nos interesses reais do povo paranaense, e o resgate das relações democráticas no Estado, incorporam as demandas sociais mais prementes. (Télla Negrão)



A Frente Progressista Gaúcha tem condições de vencer.

Gaúchos em campanha confiam na vitória

A abertura oficial da campanha de Jussara Cony à Assembléia Legislativa gaúcha e de Edson Silva à Câmara Federal ocorreu no final de junho com um jantar no clube Caminho do Meio em Porto Alegre. A festa contou com a presença de centenas de pessoas e acabou se transformando em mais um momento para a aglutinação das forças progressistas gaúchas, uma vez que compareceram várias lideranças dos partidos integrantes da coligação popular e democrática.

Em diversos pronunciamentos ficou claro que a Frente Progressista

Gaúcha é a herdeira da unidade popular alcançada no Rio Grande do Sul quando do segundo turno das eleições presidenciais do ano passado.

Enquanto isso, em várias áreas a militância do PCdoB está incrementando a campanha para eleger Edson e Jussara e tornar vitoriosa para as forças populares a disputa majoritária, com a eleição de Collares ao governo do Estado. Na zona Sul de Porto Alegre, no bairro Tristeza e no Lami-Cantagalo, zona rural, também foram realizadas festas de lançamento das candidaturas do PCdoB.



Jussara e Edson lançaram suas candidaturas no jantar do Clube do Meio em Porto Alegre

Campanha no Rio tem pagode e futebol

"Eu sou você, você sou eu"

"Edmilson é o povo, povo é PCdoB"

Em ritmo da melhor batucada e do pagode carioca, entre uma e outra partida de futebol, este refrão foi cantado no bairro de Vicente Carvalho, região do subúrbio da Leopoldina, no Rio de Janeiro, no dia 1.º de julho. Organizado pelo famoso seu Tião, figura popular do pedaço, ocorreu naquele dia o torneio-início do campeonato de futebol do conjunto do IAPAS, o maior da redondeza, onde moram mais de 2 mil famílias.

Além de alegre e combativo, o conjunto residencial tem uma particularidade. Ali militam 300 filiados no Partido Comunista do Brasil, sob a liderança de Nabor e Vânia, moradores do bairro, e do Comitê Distrital da Leopoldina. Em comum acordo com as lideranças populares locais, os militantes comunistas organizaram uma visita do deputado federal do PCdoB e candidato à reeleição, Edmilson Valentim, que deu o pontapé inicial da primeira partida do torneio-início. A visita do deputado foi apoiada também por Cláudio, presidente da Associação de ex-alunos da Funabem e diretor do time "Cacareco".



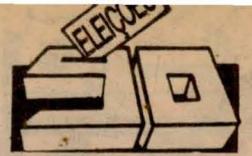
Edmilson (3.º da dir. para a esq.) ao lado de populares do conjunto do IAPAS em Vicente Carvalho (RJ)

Durante todo o dia, os militantes do PCdoB, integrados com a população local, distribuíram materiais de campanha, venderam o jornal *A Classe Operária* e outros impressos editados pelo Partido.

Na opinião de Marcos Antônio, o Marquinbos, membro do Diretório Regional do PCdoB no Rio de Janeiro e coordenador da campanha de Edmilson, "o evento foi uma atividade de massas que retrata o modo como o Partido pode se fundir com o povo". Marquinbos acha também que a jornada propiciou um "salto na organização do

Partido no local e já trouxe resultados imediatos para a campanha eleitoral, uma vez que foi formado um comitê". Depois dos jogos, houve um almoço com mocotó regado a cerveja e um animado pagode.

Edmilson falou aos presentes sobre a necessidade de unir o povo para defender os direitos do trabalhador e fazer oposição consequente ao governo Collor. Na opinião do deputado, "isto é possível hoje no Rio de Janeiro com a formação da coligação Povo Unido e a campanha para eleger Brizola governador do Estado".



Sonhos, esperanças e luta na sucessão em São Paulo

Carlos Pompe

Fóton

"É tempo de luta, de retomada do sonho e da esperança". Com estes termos da "Conclamação ao povo paulista!" (veja trechos nesta página) foi lançada oficialmente, na segunda-feira, dia 2, a coligação União Democrática e Popular, que concorre nas eleições de São Paulo. A coligação, que congrega PT, PSB, PCdoB e PCB, tem as candidaturas de Plínio de Arruda Sampaio e João Hermann, para governador e vice; Eduardo Suplicy para o Senado, e candidatos a deputados federais e estaduais pelos partidos que a formam. Pelo PCdoB estão concorrendo Aldo Rebelo (deputado federal) e Jamil Murad e João Bosco (deputados estaduais). O lançamento contou com a presença dos presidentes nacionais do PT, PCdoB e PCB, e de um representante da direção nacional do PSB, além dos candidatos majoritários.



A mesa que dirigiu o ato de lançamento da União Democrática Popular

"O cenário político de São Paulo apresenta-se com as forças de esquerda unidas para uma batalha de alcance nacional", afirmou o presidente do PCdoB, João Amazonas. Temos grandes nomes na nossa chapa. Plínio é um cidadão respeitável, de grande experiência. Eduardo Suplicy é um excelente combatente da liberdade - e para o Senado, os paulistas terão que escolher entre ele ou as velhas raposas do centrão, como Afif Domingos, Montoro e outros. Certamente a escolha recairá sobre a voz nova, ao lado do povo, que é Suplicy."

Continuando, o dirigente comunista afirmou que "A grande campanha iniciada em 89, que teve tantos êxitos, não se encerrou em dezembro. Continua agora nas eleições de outubro. E a frente de esquerda tem um grande papel. O Brasil está diante de dois caminhos. Ou vai se estiolando, se aprofundando na crise e no entreguismo, como mostra o governo Collor; ou busca a liberdade e a independência, a vida digna para seu povo. A luta da União Democrática Popular é a continuação, em São Paulo, da campanha da Frente Brasil Popular para buscar novos horizontes para a pátria".

Invincíveis nas ruas

O presidente do PT, Lula, foi enfático: "A burguesia está usando as mesmas manobras da campanha de Erundina para prefeta e da Frente Brasil Popular para presidente da República. Anuncia pela imprensa que os candidatos da burguesia são os preferidos. Que

Conclamação ao povo paulista!

(Trechos do documento divulgado pelo PT, PSB, PCdoB e PCB no dia 2 em S. Paulo)

Os partidos populares, signatários deste manifesto, anunciam sua disposição de somar forças na eleição de 3 de outubro próximo constituindo a coligação União Democrática Popular, expressa nas candidaturas Plínio de Arruda Sampaio, para governador, João Hermann, para vice-governador, Eduardo Suplicy, para senador e por uma chapa conjunta de candidatos a deputados federais e estaduais.

o candidato da esquerda, Plínio, não está no páreo. Mas isso aconteceu com Erundina, e ela é a atual prefeta de São Paulo. Isso aconteceu comigo, que só ficava em 4º lugar nas pesquisas, mas fomos para o segundo turno!"

"A campanha vai para as ruas" continuou Lula. "E daí nós somos invencíveis. A burguesia quer Covas, Maluf, Fleury... Tenta nos desgastar com o que acontece no Leste Europeu. Busca desgastar o Plínio. Mas não caímos nessa arapuca. Nós vamos ganhar porque nós falamos a verdade. Nós vamos ganhar porque nós defendemos o socialismo, e dizemos isso em praça pública. Nós vamos ganhar porque eu co-

É tempo de luta, de retomada do sonho e da esperança.

Unir as forças progressistas e populares é o nosso desafio. Fortalecer uma autêntica oposição ao governo Collor no principal Estado da Federação. Este é o único caminho para impedir a consolidação da direita e fazer do governo do Estado de São Paulo um esteio de sustentação da democracia em nosso país. Um governo que acabe com os privilégios das elites e assuma a clara defesa dos interesses da grande maioria do povo, principalmente dos trabalhadores da cidade e do campo, dos pequenos e médios empresários e produtores rurais. Um go-

verno voltado para a retomada do desenvolvimento econômico, com soberania, e que assegure direitos básicos, como educação, saúde, transporte, segurança e habitação.

Conclamamos as personalidades progressistas e movimentos sociais a participarem desta alternativa política e na elaboração conjunta do programa do futuro governo. A vitória da União Democrática Popular será a contribuição do Estado de São Paulo à luta por transformações sociais profundas no país. Luta da qual o povo paulista tem sido, e continuará sendo, um destacado participante.

A esquerda no Senado

O presidente da Câmara Municipal de São Paulo, Eduardo Matarazzo Suplicy, candidato da União Demo-

crática Popular a Senador, fez de seu pronunciamento um compromisso: "É necessário que partidos como o desta coligação tenham não apenas um, mas muitos representantes no Senado. É necessário que os interesses dos setores populares sejam lá defendidos. E se o PT, do qual faço parte, tiver uma cadeira no Senado por São Paulo, vocês podem ter certeza de que levaremos adiante todas as resoluções do documento aprovado pela coligação e serei um porta-voz de todos estes partidos que aqui estão. Se não tivermos o Senado, assumo o compromisso com todos os 4 partidos que integram a coligação de levar e defender

as propostas do movimento popular no Senado."

João Hermann, deputado federal pelo PSB e candidato a vice-governador, fez uma emocionante saudação à militância dos partidos coligados. "Estamos percorrendo todo o Estado, e no mais longínquo interior existem as pichações do PCdoB, as panfletagens do PT, o entusiasmo dos companheiros do PSB e PCB. A unidade que construímos em 89 - e que no nosso Estado se fez presente em 88, na campanha de Luiza Erundina -, é reeditada em 90. Uma unidade que teve longa maturação. Os partidos de esquerda se juntaram para dar a mensagem mais nova da política brasileira: estamos unidos com o nosso povo na busca do poder. São Paulo representa o segundo Produto Interno Bruto nacional, e Plínio será o segundo homem em importância no país. A resistência em São Paulo tem que fazer frente ao governo imperial e truculento de Collor. E Plínio representará isso."

Um país traumatizado

O candidato a governador da União Democrática Popular, Plínio de Arruda Sampaio, encerrou a reunião de lançamento da coligação falando da perplexidade do povo com o novo governo federal:

"O Brasil apresentou-se dividido nas últimas eleições. 50% dos brasileiros acreditaram na proposta avançada de sair da crise, enfrentando o capital monopolista, o latifúndio, o capital internacional, os cartórios... A outra metade também tinha a mesma esperança de sair da crise. Mas foi enganada por uma fantástica montagem publicitária. Em 100 dias de governo, essa outra metade percebe que se equivocou. Percebe que foi vítima de um engodo. Começa a perceber que o caminho real é o que apontávamos com os 13 pontos da Frente Brasil Popular. Por isso, esta eleição estadual tem características de um terceiro turno. Estamos diante de uma sociedade traumatizada, ressentida com a traição de que foi vítima."

"Em São Paulo", finalizou o candidato a governador, "vivemos uma situação dramática. Existem 110 mil paulistanos sem casa nenhuma. Moram nos corredores dos prédios, sob os viadutos e as pontes, nas ruas... É apenas um exemplo da dramaticidade do momento. Unidos nesta frente de partidos socialistas, temos o compromisso de fazer um Estado de democracia, com o seu esforço econômico investido na produção para manter empregos e salários e para redistribuir as rendas: com uma escola democrática e eficaz. Investindo no homem como o futuro do homem".



O Norte marca a sua presença

Após um exaustivo período de três meses de discussão entre os partidos progressistas do Amazonas, foi finalmente fechada a coligação da Frente Popular e formada a chapa que disputará a eleição majoritária em 3 de outubro. A Frente aglutina PSDB, PT, PCdoB, PSB, PDT e PCB, tem como candidato a governador o médico e pesquisador em doenças tropicais, Wilson Alecrim (PSDB), e a vice o professor universitário Alcebiades de Leiros Cavalcante de Oliveira (PSB). O PT indicou a candidata ao Senado, a professora da UFAM, Marlene Pardo e o PCdoB os dois candidatos à suplência de senador — Arminda Mourão e Carlos Augusto Almeida.

Para disputar uma vaga à Câmara Federal, o PCdoB lançou a candidatura do vereador João Padre e para deputado estadual concorre com o engenheiro agrônomo Eron Bezerra, que é também presidente regional do Partido.

Segundo Eron, o PCdoB está em campanha diária, realizando comícios-relâmpago, visitas em portas de fábrica e de colégios e distribuindo variado material de propaganda. Ele acha que "a



João Pedro



Eron Bezerra

ousadia da militância comunista e dos demais partidos integrantes da Frente será decisiva para derrotar o poder econômico que concentra sua força no candidato direitista Gilberto Mestrinho".

Esquerda unida no MS

Foi formada no Mato Grosso do Sul a Frente Popular, representando os partidos de esquerda — PCdoB, PT, PSB e PCB, que tem como candidatos Manuel Bronze (PT) ao governo do Estado e Pedro Teruel, também do PT, ao Senado. A candidatura para vice-governador foi indicada pelo PSB, através de Irene Kemp. O PCdoB indica um suplente de senador, seu presidente regional, Lauro Bulary.

A militância do Partido Comunista do Brasil, além de somar forças com os partidos integrantes da Frente Popular, está empenhada na eleição de sua candidata estadual. Ela faz dobradinha com o candidato a deputado federal Egon, do PT, com bases na cidade de Dourados.

Na opinião de Lauro Bulary, o PCdoB "tem chances objetivas de eleger sua candidata à Assembléia Legislativa, uma vez

que o Partido vem crescendo no Estado, principalmente no interior e no meio da juventude". Bulaty lembra que Ana Claudia tem prestígio no setor, devido à sua atuação destacada durante longo período no movimento estudantil.

O quadro político no Estado apresenta uma candidatura de direita, a de Pedro Pedrossian, do PTB, em coligação com o PDS, PST e PRN. Pedrossian, que representa os setores do latifúndio aburguesado, é apoiado pelo presidente Fernando Collor. O centro comparece com a candidatura de Gandi Jamil. Segundo as pesquisas de opinião feita até agora, o índice de rejeição a esses dois candidatos é grande (37% dos eleitores não votariam em nenhum dos dois). Isto significa que, embora formada por partidos pouco estruturados no Estado, a Frente Popular tem chances de apresentar um bom desempenho.

Arquivo



A convenção conjunta dos partidos populares foi um passo para uma campanha de massas

Frente Popular no Acre é a grande novidade

A sucessão estadual no Acre esta com o seu quadro para a disputa já definido. De um lado, as forças retrógradas e de direita formam um tripé, com as candidaturas de Edmundo Pinto (PDS), Rubem Branquinho (PL, PRN), e Ormir Lima (PMDB), como candidato ao governo. Este trio conservador representa em síntese os interesses da oligarquia corrupta local, grandes empreiteiras da construção civil, da UDR e madeireiros. Todos, sem exceção, visam a reorganização do estado com base na "modernidade", em um "desenvolvimento equilibrado". Pura retórica.

Seus compromissos de fundo representam uma maior penetração do capital estrangeiro na região, o favorecimento de grandes grupos econômicos e a participação ativa da UDR na super-estrutura do estado com nuances diferentes querem aquilo que chamamos de rondonização do Acre, ou seja, a instalação do "progresso" a todo custo, desrespeitando as particularidades da região, sua economia e os povos da floresta.

Por outro lado, a esquerda

acreana também entra em cena. Foi formada a Frente Popular do Acre (PT, PCdoB, PDT, PCB e PV), que está lançando o jovem engenheiro florestal Jorge Viana ao governo, o médico José Alberto a vice, ambos pelo PT, e o senador Mário Maia à reeleição (PDT). Não fugindo à avaliação de que o Brasil se encontra em uma encruzilhada histórica, estes partidos de esquerda compreenderam que no Acre o próprio desenvolvimento político dos últimos dez anos possibilita à esquerda sair da madrugada política e disputar em pleno sol amazônico o governo estadual.

A caminhada que os setores oligárquicos percorreram na última década frustrou em muito a expectativa dos acreanos. A corrupção, o fisiologismo, a subserviência ao governo Sarney, a atuação dos parlamentares na constituinte, empalidecem as candidaturas de direita. Isso tudo possibilita à frente popular do Acre obter uma boa performance neste primeiro turno e partir para o segundo. A situação nacional, a avaliação desastrosada do governo Collor são fatores de desgaste para a e

a garra da militância dos partidos da frente popular, poderá mobilizar a opinião pública acreana para marcar um tempo histórico. Com um programa simples, comprometido com os interesses do povo da Amazônia Ocidental, defendendo um modelo de desenvolvimento econômico que contemple nossa soberania e os povos da floresta, que dinamize a administração pública e moralize o estado, a frente popular do Acre poderá não só chegar ao governo, mas reeleger o senador Mário Maia (nota dez na constituinte), bem como eleger deputados federais e uma boa bancada estadual.

O Partido Comunista do Brasil, que já realizou sua convenção regional em maio, aponta dois candidatos nas eleições proporcionais: Marcos Afonso, para deputado federal, e Sérgio Taboada, para deputado estadual. Ambos são lideranças reconhecidas em todo o estado, nos meios populares e sindicais. Seus nomes começam a empolgar a população pela coe-

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Amargo sinal dos tempos

Antônio Martins

Indisfarçavelmente inspirada nas recomendações do governo americano, a nova política industrial de Collor é saudada pela imprensa como "um passo rumo à modernidade", e chega a cativar setores da esquerda. Basta uma análise inicial, contudo, para mostrar que o país está jogando por terra seus maiores êxitos no campo tecnológico, a pretexto de participar de uma "integração internacional", cujos resultados perversos já começam a aparecer.

Se a professora Zélia Cardoso de Mello já era, desde o início da atual administração, a figura mais destacada entre todos os membros da equipe de governo, a partir de 26 de junho último sua projeção atingiu um patamar superior. Na manhã deste dia a ministra convocou um grupo previamente selecionado de jornalistas para comunicar, em entrevista transmitida ao vivo para todo o país, que acaba de lançar os alicerces de uma nova política industrial, destinada a substituir princípios que segundo ela estão em vigor há décadas. "O que estamos fazendo", garantiu a ministra, "tem uma dimensão revolucionária".

Zélia não se limitou, evidentemente, a fazer declarações de intenção. No mesmo instante em que falava à imprensa entrou em vigor um conjunto de decretos e portarias que traz mudanças imediatas na política de comércio exterior do Brasil. Outros diplomas legais, também editados em 26/6, criam grupos de trabalho, em geral constituídos por técnicos do governo e associações empresariais, para propor ao Congresso, ainda no segundo semestre, mudanças mais profundas, que envolvem desde o fim da reserva de mercado para a informática até uma redução sensível e generalizada das tarifas alfandegárias, a vigorar até 1994.

O embaixador nos EUA comunicou pessoalmente decisões a Carla Hills

O sentido geral da nova política, e todos os analistas foram unânimes quanto a isso, é a tentativa de partir para uma internacionalização muito mais profunda da economia brasileira. Ficou igualmente claro que a idéia é atingir tal objetivo através de duas políticas complementares. Uma procura criar enormes facilidades para que novas empresas estrangeiras aqui se instalem. A outra estimula a abertura pura e simples do mercado de consumo do país aos produtos fabricados no exterior. O consenso que se formou em relação ao caráter das medidas foi tão amplo que as próprias imagens empregadas por quase toda a imprensa para co-



Zélia na entrevista à imprensa: como D. João VI, abrindo os portos e sufocando a indústria nacional.

mentá-las foram as mesmas. Invariavelmente, os atos de 26/6 são comparados com a "Abertura dos Portos" declarada pela coroa portuguesa em 1808, e a ministra da Economia é equiparada a Dom João VI.

Ninguém se preocupou sequer em esconder a fonte em que se inspirou o governo para propor ao país alterações tão drásticas. Poucas horas após o pronunciamento de Zélia, e antes ainda que as novas decisões pudessem ser publicadas no Diário Oficial da União, o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, apareceu-se em comparecer ao prédio onde funciona o Escritório de Comércio Exterior dos Estados Unidos. Ele tinha como tarefa comunicar oficialmente à titular do órgão, a senhora Carla Hills, que o governo que representa havia decidido, exatamente 100 dias depois de tomar posse, atender às últimas reivindicações que a administração Bush mantinha em relação à política brasileira de comércio externo. Ao sair do encontro com Hills, o embaixador Moreira alegrou-se em anunciar a um repórter do jornal "O Estado de S. Paulo" que sua interlocutora mostrara-se satisfeita com o anúncio. Tanto assim que estava prestes a pôr fim às restrições que ainda pesavam sobre a entrada de nossos produtos nos EUA, e que haviam sido impostas em períodos nos quais o governo brasileiro não demonstrava suficiente disposição em colaborar.

Delfim diz que medidas são "espetaculares", e César Maia dá "nota 9"

Nem os sinais evidentes de que a nova política industrial ha-

via sido adotada após intensas pressões de uma nação estrangeira, contudo, foram suficientes para conter a euforia dos principais teóricos da direita. "O governo Collor foi muito fiel ao seu projeto inicial, e isso é espetacular", comemorou o deputado Delfim Netto em entrevista ao "Jornal da Globo". "As medidas são extremamente positivas", fez questão de dizer o presidente da Fiesp, Mário Amato. A idéia básica sustentada pelos conservadores é a de que, ainda que sirva aos Estados Unidos, a nova política representa antes de tudo um impulso necessário à modernização do parque industrial brasileiro, e à definição de novos critérios, igualmente "modernos", para a ação do Estado na economia. Ao que tudo indica, estas teses ganham adeptos mesmo em setores da esquerda. A revista "Veja", por exemplo, fez questão de citar na matéria que publicou sobre o assunto as declarações do deputado César Maia, do PDT do Rio. Procurando avaliar globalmente os atos do governo, ele afirmou, em tom professoral: "Se fosse um documento produzido pelo departamento de economia industrial de uma universidade, eu daria nota 9".

Não é à toa que teóricos como Zélia, Delfim e César Maia se unem em torno das medidas adotadas no final de junho. Embora sejam oriundos de diferentes escolas econômicas e ocupem posições distintas no cenário político, eles fazem basicamente a mesma análise a respeito das perspectivas porque deve se orientar o desenvolvimento industrial brasileiro. Segundo suas idéias, que por

sinal tornaram-se amplamente majoritárias entre os que participam com destaque do debate sobre o futuro econômico do país, não há mais sentido em defender políticas de capacitação tecnológica como a reserva de mercado para a informática. Apesar de terem propiciado o surgimento de indústrias de ponta no país, tais políticas teriam, com o correr do tempo, se transformado mais em obstáculos que em alavancas para a modernização, por três motivos.

Primeiro, sempre de acordo com os apoiadores da nova política do governo, porque elas exigiriam uma elevada participação do Estado na economia, inclusive com a concessão de subsídios e de outras vantagens às empresas dos setores que se quer desenvolver. Segundo porque obrigariam o consumidor brasileiro a pagar por produtos nacionais protegidos preços significativamente mais elevados que os que vigoram no mercado internacional. E terceiro, porque ao restringir a entrada de certos bens industriais importados o Brasil acabaria despertando a adoção de represálias simétricas contra a penetração de seus produtos nos mercados externos.

Capitalismo "moderno" quer trocar informática por "mercado mundial"

Quem pensa dessa forma acredita que o país tem muito a ganhar quando parte para um novo modelo de desenvolvimento industrial. Isso porque, segundo os defensores das áreas de tecnologia de ponta seriam compensados, com grandes

vantagens, pelo fim do subsídio do Estado às empresas particulares, pela garantia dos direitos do consumidor e pela possibilidade de participar da "integração da economia mundial", um maravilhoso processo através do qual países ricos e pobres teriam superado antigas divergências, e estariam se irmanando em busca da prosperidade universal.

Embora constituam-se em material massudo e muitas vezes mal redigido, que os jornais publicaram em sucessivas páginas repletas de letra miúda, tanto os decretos e portarias adotados em 26/6, quanto as "Diretrizes Gerais para a Política Industrial de Comércio Exterior" divulgadas na mesma data pelo Ministério da Economia merecem ser lidos com atenção por todos os militantes progressistas. Porque bastará um exame atento deste material para deixar claro quanto há de mistificação no conjunto de teses sustentadas pelos defensores da "modernidade" capitalista.

E porque será possível perceber igualmente que é preciso iniciar sem demora um movimento de resistência contra o modelo industrial que se pretende impor ao país. Porque as decisões anunciadas pela ministra Zélia conduzem à destruição de conquistas tecnológicas estratégicas alcançadas nos últimos anos.

E também porque nada que esteja contido neles garante a concretização dos "benefícios" alegados pelos que defendem as novas normas.

Um ataque especialmente duro contra a indústria nacional mais avançada

A análise das decisões e dos documentos do governo revelará uma ação de grande envergadura contra a indústria nacional, e um ataque de proporções particularmente devastadoras a seus setores de ponta. Fica criada, em primeiro lugar, uma comissão com representantes do governo e da indústria para apresentar, até 31 de dezembro, uma nova política de tarifas aduaneiras. Os princípios pelos quais deverá se orientar tal política, porém, foram definidos de antemão pela ministra Zélia. Os impostos que recaem sobre as importações, e que já sofreram ampla redução nos primeiros meses do governo Collor, terão de cair de forma ainda mais drástica. Passarão de um máximo de 105%, hoje, para um teto de 40%, a ser adotado até 1994. A taxa média será ainda mais reduzida, ficando em 20%. É o mesmo índice adotado por países com per capita renda muito mais desenvolvida, e portanto com menos necessidades de proteger a produção interna.

Em alguns casos medidas foram tomadas sem cumprir sequer a formalidade de convocar "comissões" para estudar os problemas com mais vagar. É o caso, por exemplo, da decisão de eliminar imediatamente os regulamentos que estabeleciam limites máximos de importação por empresa. Aplicação imediata terá um ato que obriga o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) a financiar com juros subsidiados a aquisição de máquinas e equipamentos com índices de nacionalização muito menores aos que vigoravam até o final do mês passado. Como se começa a ver por aqui, há muito mais retórica que ação concreta no discurso que propõe o fim dos subsídios ao setor privado... Chamam atenção particular, por seu caráter arrasador, os planos em relação à indústria de ponta. Um dos decretos anunciados pelo governo criou mais um grupo de trabalho, igualmente composto por empresários e técnicos do governo, para propor nada menos que a revisão completa da política nacional de informática, visando anular em especial a reserva de mercado. Como tal reserva está inscrita na lei federal, a mudança terá de ser debatida e aprovada pelo Congresso Nacional. O secretário

nacional da Economia, João Maia, se encarregou de revelar, porém, que o Planalto pretende apelar para uma política de pressões e intimidação para levar adiante seus planos. Ele disse que não está preocupado com eventuais resistências do Congresso, pois "aprovar a medida é uma questão de sobrevivência". A julgar por suas declarações, não será surpresa se o governo tentar pôr fim à reserva de mercado através de Medida Provisória, instrumento aliás que se tornou a base de sua ação legislativa.

Além dos computadores, ataque também à produção farmacêutica nacional

Pouco mais de dez anos depois de ter entrado em vigor, a política nacional de informática contabiliza êxitos impressionantes. O Brasil inclui-se, por exemplo, entre o reduzido grupo de países - são menos de dez - em que a indústria nacional supre mais de 50% das aquisições de computadores. Além disso, as estatísticas demonstram que as empresas de capital nacional têm faturamento pouco superior às multinacionais, mas investem incomparavelmente mais em pesquisa e são as únicas a desenvolverem produtos no país. Nada disso será preservado, se depender dos planos do governo.

Como, aliás, não sobrarão esperanças para outro ramo que começa a se desenvolver - o da indústria farmacêutica. A ministra Zélia determinou a criação de um outro grupo

de trabalho, destinado a propor ao Parlamento a adoção do sistema de patentes no setor. Tal propósito, a ser adotado, representará a capitulação final às exigências impostas ao país pelo presidente dos EUA e pela senhora Carla Hills, e impedirá que a indústria nacional de fármacos, pequena e incipiente, possa no futuro produzir qualquer medicamento que tenha sido anteriormente "registrado" no exterior pelas multinacionais que dominam a produção mundial.

Ao invés de "fim dos subsídios", mais ajuda para quem quer exportar

Como se viu a pouco, uma das "vantagens" alegadas pela direita para compensar o fim da proteção à informática e à indústria farmacêutica é a redução dos gastos feitos pelo governo para amparar o crescimento dos setores industriais de ponta. Porém, a leitura das "Diretrizes para a Política Industrial" vai surpreender os que acreditam na sinceridade de tais intenções.

O documento propõe, na verdade, o afastamento do Estado de setores da economia em que sua ação tem servido de contraponto ao poder dos grandes monopólios. Revelam as "Diretrizes", em seu item 4, que o governo planeja entregar à iniciativa privada uma ampla gama de setores: "energia, transportes, portos, armazenagem, siderurgia de planos, petroquímica, fertilizantes, telecomunicações e outros"... Mas não há sequer uma portaria definindo qualquer redução dos subsídios à iniciativa privada. Muito ao contrário, são criados inúmeros mecanismos para tornar ainda mais amplo o recurso a estes instrumentos.

É o que fica claro, por exemplo, no item 5 das "Diretrizes". Lá fica estabelecida a criação de pelo menos dois "Programas" - o Programa de Competitividade Industrial e o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade, explicitamente voltados a favorecer o crescimento das empresas que cumpram certos requisitos, entre os quais elevar o percentual de suas vendas ao exterior.

O governo entrega portos a particulares, e segue injetando dinheiro neles

O ponto 6 - "Instrumentos" - é ainda mais cristalino. Ele estabelece em primeiro lugar uma "Política de Financiamento" para o novo modelo industrial, com várias modalidades de empréstimos. Em determinado trecho fica claro, para a tranquilidade da iniciativa privada, que serão criadas várias brechas para que "as modalidades de crédito, subscrição de valores mobiliários e prestação de garantia sejam aplicadas em condições preferenciais". O mesmo ponto 6 estabelece também, e sempre em benefício das empresas particulares, uma "Política de Exportações". Através dela, o mesmo Estado que num trecho anterior comprometera-se em privatizar os portos e os armazéns esclarece agora que apesar de desfazer-se deles continuará providenciando "amodernização do complexo exportador (portos, ferrovias, silos, etc...)". Em outras palavras, o Estado entrega suas propriedades à iniciativa privada, mas compromete-se a investir dinheiro público num setor que já não lhe pertence...

A segunda "vantagem" alardeada pelos que defendem a nova política industrial é a suposta garantia

dos "direitos do consumidor". A partir de agora ele seria beneficiado com a possibilidade de pagar muito menos pelos produtos importados ou pelos próprios similares nacionais, que ao enfrentarem concorrência direta teriam que oferecer melhores condições de preço e qualidade.

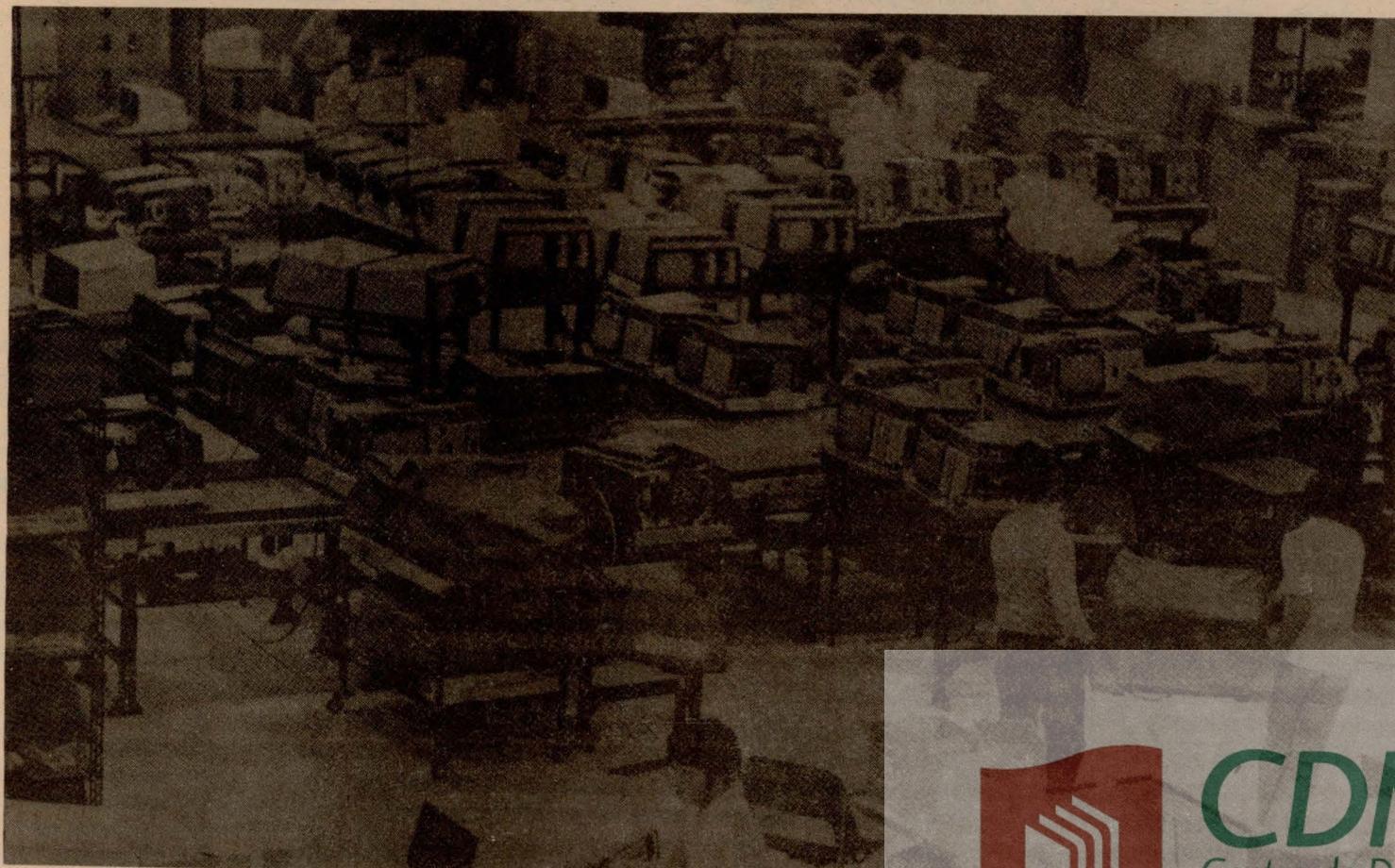
Vantagens: só para quem consome produto importado, supérfluo e de luxo

Ocorre contudo que, como fez questão de declarar a própria ministra Zélia, os princípios por ela lançados no dia 26 são parte de uma política maior, da "reestruturação radical" da economia brasileira, que estaria sendo comandada pelo governo Collor. E ocorre também que, como fez questão de declarar ao "Jornal do Brasil" o próprio secretário nacional da Economia, o governo considera que o arrocho salarial "é imprescindível" ao sucesso da "nova economia". Por isso, a imagem que melhor representa o tipo de consumidor que será beneficiado pela nova política é a retratada na capa da revista "Isto É", edição 4/7. Ao lado do título "Tudo pela metade do preço" há fotos de produtos tão familiares ao trabalhador brasileiro como um pote de caviar, um frasco de perfume Chanel, uma garrafa de whisky Ballantine's e uma Ferrari Testarossa idêntica à pilotada por Collor na Itália.

Embragada, a burguesia é incapaz de ver que rumo para barco que faz água

Há, por fim, a promessa tantas vezes repetida pela direita de que a "integração do Brasil na economia mundial" traria uma era de crescimento ininterrupto, ao arejar nossas velhas estruturas com os ventos de prosperidade e eficiência que sopram no primeiro mundo. Outros países, antes do nosso, embarcaram nesta canoa. Coréia, Formosa e Hong-Kong são os mais famosos, e graças à sua adesão às teses que os conservadores tratam de sustentar em todo o mundo chegaram a ser agraciados com o título de "tigres asiáticos".

Na guerra comercial em larga escala que vai se armando entre as três maiores economias - a dos EUA, do Japão e da Alemanha - pela hegemonia do mundo capitalista, porém, tudo indica que as concessões feitas por eles a seus sócios minoritários são sempre passageiras. Norte-americanos e nipônicos, que durante cerca de uma década sustentaram com importações o desenvolvimento dos "tigres" reduziram drasticamente, nos últimos dois anos, as compras que realizavam naqueles países; e as perspectivas apontam hoje para a recessão, desemprego e conflitos sociais intensos nas antigas vedetes da direita mundial. Embragada pelos sonhos de vender no exterior, de faturar em dólares e de tornar-se "parceira do primeiro mundo", a burguesia brasileira é incapaz de ver que conduz o país para um barco que já começa a fazer água.



Indústria de computadores: apesar do sucesso, sob fogo cerrado do governo



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Governo dispara contra os salários

Irasson Cordeiro Lopes

A proposta de abono e reajuste semestrais do governo é inaceitável. Com a edição da Medida Provisória 193, Collor procura novamente atropelar as iniciativas do Legislativo e dispara contra os salários. O projeto aprovado na Câmara, e recebido pelo Senado no dia 2, sugeria reajustes mensais pelo Índice de Preço ao Consumidor (IPC) do mês anterior, por faixas salariais pré-estabelecidas.

Governo e parlamentares fisiológicos enganam-se pensando que propostas superficiais podem conter o imenso contingente de trabalhadores desempregados ou ameaçados pelo facão do Plano Collor.

Os presságios sobre o futuro da política collorista são negros. Isto, é claro, sob a ótica das forças democráticas e progressistas. Os trabalhadores e suas organizações - quando sob direções combativas - podem provocar um grande estrago nas pretensões da grande burguesia nacional e internacional. As centenas de greves que ocorreram, e ainda ocorrem pelo país, dão sinais de descontentamentos definitivos. Discutir sobre política



Com a subida de Collor ao poder, subiu o número de desempregados.

começa a ser, mais do que nunca, o prato predileto das rodinhas de operários, donas de casa e da juventude, que não engolem a posição de assalto aos salários que o governo adotou desde sua posse.

Os trabalhadores reivindicam uma política salarial que, além de repor as perdas, garanta ganhos reais aos seus minguados salários. No entanto, é preciso, na ação dos sindicatos, mui-

ta habilidade. Deve-se saber combinar as reivindicações econômicas às políticas. Disto já falamos exaustivamente aqui. Não se pode esquecer que há dispositivos constitucionais que garantem princípios dos direitos dos trabalhadores. Contudo, tais dispositivos ainda não foram aperfeiçoados. Aí mora o perigo. Os vários segmentos populares, através de suas organizações de luta, devem brigar por leis complemen-

tares que regulem definitivamente seus direitos sociais.

As eleições e os trabalhadores

Atentar para as eleições desse ano é fundamental. O movimento sindical tem um papel especial a cumprir. Orientar os trabalhadores para o voto esclarecido, contrário aos agentes do capitalismo, é ao mesmo tempo, uma boa oportunidade para

levar ao povo as idéias mais avançadas do sindicalismo classista.

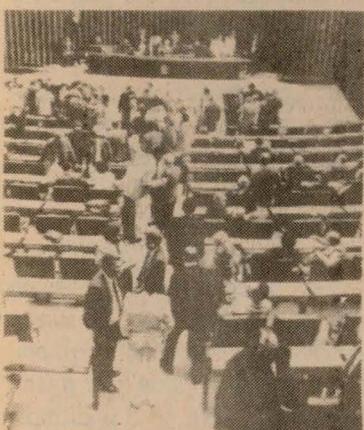
No campo de luta parlamentar, devemos ser ofensivos e criativos também. Só assim podemos driblar o poderio econômico dos candidatos da direita e garantir a eleição de deputados e senadores comprometidos com os interesses da grande maioria dos brasileiros. Atingido este objetivo, teremos pela frente uma nova situação de combate à política do Fundo Monetário Internacional (FMI), pregada por Collor e sua trupe.

Não se pode permitir que o Brasil persista por um caminho de dependência do capital estrangeiro, pagamento da dívida e de restrições às liberdades democráticas; isto sem falar na condição de vida miserável da grande maioria da população. Também não podemos permitir que o governo que aí está governe com *força de rei*. A edição e reedição de medidas provisórias é um artifício *com precedentes*. A ditadura militar governa com decretos-lei. Qualquer semelhança *não* é mera coincidência. A diferença fica apenas para os termos.

Desde o dia 29, Collor e Zélia ameaçam reeditar a Medida Provisória 193, caso o Congresso não se afine com seus desejos. De sua parte, Collor pode vetar na íntegra o projeto dos deputados e senadores. Com isso, a Medida Provisória é que teria valor. Mesmo retornando ao Congresso, este dificilmente consegue derrubar os vetos, já que são necessários 2/3 de votos parlamentares contrários ao cala-boca de Collor.

Uma coisa é certa: esse manda e desmanda do atual governo tem a cumplicidade de grande parte dos parlamentares. Esperar por eles não é bom negócio. Entidades como a CUT, Conam e OAB devem, o quanto antes, denunciar à sociedade as tendências autoritárias do governo, seus malabarismos para ocultar a inflação e arrochar os salários; a disposição descarada de Collor para jogar sobre os trabalhadores o ônus da caótica situação nacional.

Mais uma medida contra o povo



Arquivo

proibe o repasse de aumentos aos preços - caso isso não seja respeitado, pretende-se aplicar a Lei Delegada n.º 4 aos transgressores, com punições como o fechamento de estabelecimentos, multas e interdições temporárias.

Collor criou o Fator de Recomposição Salarial (FRS), atualizado diariamente pelo IPC, o qual será utilizado para calcular o salário efetivo. Este salário será garantido através desse critério apenas uma única vez, na primeira data-base da categoria a partir de junho - depois os reajustes de salário serão definidos apenas pela livre negociação. Ainda segundo a Medida, estes critérios não valem para o funcionalismo público civil e militar, aposentados e pensionis-

tas da Previdência Social.

Dores de cabeça

O projeto das lideranças partidárias da Câmara deu muitas dores de cabeça à equipe de Collor. Sem força consistente de sustentação dentro de um Congresso preocupado com repercussões eleitorais, o presidente não encontrou outro remédio: negociar. Despachado com a missão de convencer os senadores a derrubar o projeto de política salarial, Antonio Kandir, secretário da Economia, foi ao Congresso. Kandir não surpreendeu a ninguém. Argumentou que a volta da reindexação dos salários inviabiliza o Plano Collor e gera inflação. No entanto, o que ele parece não enten-

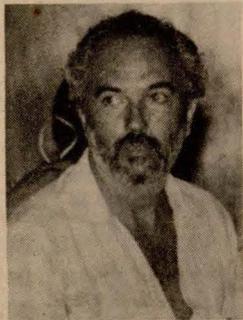
der ou fingir não ver, é que o Plano Collor está inviabilizando o país, ampliando a miséria e com ela o desemprego em massa.

O teor do projeto da Câmara, na prática, permite uma reposição acenos razoável e uma considerável ferida no princípio da livre negociação. O texto propõe um reajuste mensal pelo IPC do mês anterior aos trabalhadores que ganham até cinco salários mínimos, e entre cinco e dez salários - acima de dez mínimos, é livre negociação; reajuste trimestral, desde que a inflação não fosse superior a 5% mensais - sendo disparado o gatilho no momento que ultrapasse esse dado. Desta forma, haverá menos arrocho.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Malvinas Grubis

Gaúchos e cearenses vão à luta

Edson Ruiz



PEDRO POZENATO*

Questão de Ordem Desenvolver a consciência e a educação dos trabalhadores

O êxito da luta para desenvolver a consciência e a educação de classe dos trabalhadores, através do sindicato, instrumento de luta e organização de massas, depende da correta e criativa aplicação da linha política do partido, aplicada à situação concreta da fábrica, da categoria e do conjunto dos trabalhadores.

"A luta de classes é uma guerra ininterrupta", diz Marx. tendo em vista esta verdade incontestável, devemos em cada embate, por menor que seja, ajudar os operários a compreenderem que este embate está situado dentro da guerra. Devemos ajudá-los a se prepararem para a batalha decisiva, a derrota da burguesia e a conquista do poder pelo proletariado, através da revolução socialista.

Nós sindicalistas do PCdoB, precisamos trabalhar cotidianamente com esta finalidade. Se atuarmos com visão ampla, multilateral criativa sem estereótipos, saberemos apontar a solução, de cada problema compreendendo e esclarecendo o limite, e o alcance de cada luta travada, seja ela econômica, social ou política, dentro da perspectiva revolucionária.

A Ditadura Fabril

Sem a dominação de classe, exercida pela burguesia se utilizando de todos os meios possíveis e implacáveis, aparelhos do estado repressivo, imprensa burguesa, instituições retrogradadas, partidos burgueses, reformistas, sociais democratas, etc., sem tudo isso não seria possível exercer controle rigoroso, ditatorial no interior das fábricas, sobre os trabalhadores igualmente pode-se afirmar que sem esse controle o poder da burguesia seria facilmente derrotado. Não é por acaso que nas grandes e médias empresas há um verdadeiro aparato de poder que procura sob todos os aspectos (ideológico, político-econômico), o controle individual e coletivo sobre cada trabalhador.

Os ditos 'seguranças', agem diariamente como verdadeiras polícias política, e nos momentos de greve não raramente atacam com truculência.

A opressão burguesa é tão feroz contra os trabalhadores que só falta açoiá-los em praça pública à exemplo do que acontecia aos negros na época da escravidão.

Caráter de Classe

Os comunistas que estão à frente das entidades especialmente as operárias, tem o dever de se esforçarem ao máximo para corresponder aos interesses imediatos e futuros dos trabalhadores.

O desafio está posto. Romper com o trabalho de cúpula e enraizar o sindicato nos locais de trabalho, utilizando todos os instrumentos possíveis, CIPA, comissões, de fábricas, delegado sindical, diretores sindicais etc., a atividade dentro da fábrica, tem que ser constante. Entretanto, concretamente o problema das condições de trabalho, a defesa do salário, contra as arbitrariedades das chefias, e da segurança visando desmascarar politicamente e ideologicamente, demonstrando o caráter, de classe dessas lutas no combate a exploração capitalista e de defesa do socialismo.

Não substituir o inimigo

Identificar e combater as idéias atrasadas, reacionárias e anti-comunistas, à luz da ciência social, demonstrando como a luta ideológica se apresenta e se desenvolve diariamente dentro das fábricas e nas lutas em geral, não é tarefa fácil, mas muito importante e de alcance estratégico.

Não podemos substituir o inimigo. A campanha internacional anti-comunista, baseada na traição revisionista da União Soviética, nos acontecimentos do Leste Europeu é uma poderosa arma ideológica da burguesia, que visa confundir e desviar os trabalhadores do caminho revolucionário. Isso tem penetração dentro das fábricas. Numa reunião de piqueteiros, para filiarem-se ao partido, um companheiro perguntou se esse partido não era o partido da Romênia-Checoslováquia, etc.?

O cerco da burguesia e a ofensiva da direita é grande. Para responder esta ofensiva é preciso desenvolver o sindicalismo combatido, classista visando politizar todas as lutas.

Combater decididamente o governo Collor de Mello; de tendência fascista. Defender as mais amplas liberdades político-sindicais.

A experiência comprova: quanto mais estreita for a relação do partido com a entidade através de sua militância maior será a eficácia do sindicato na sua ação de massa. Na organização e politização dos trabalhadores.

* Diretor do Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos de Caxias do Sul e dirigente nacional da Corrente Sindical Classista-CUT

Os metalúrgicos de Caxias do Sul — RS deram uma demonstração de força e organização ao deflagarem uma greve que durou dez dias. Tendo como reivindicação básica a reposição salarial de 188% referente a inflação dos meses de março, abril, maio — a categoria manteve outras bandeiras de luta da classe operária como redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais e estabilidade no emprego.

As maiores empresas de Caxias como Eberle, Marcopolo, Fras-Le, Agrale, Erandon foram atingidas. A paralisação alcançou uma adesão de mais de 15 mil operários, segundo dados da direção do sindicato dos metalúrgicos.

Sem medo de lutar

A grande maioria dos operários não se deixou intimidar com a repressão empresarial e continuou a greve. A greve também contou com a participação destacada dos comunistas que integram a direção do sindicato, marcada nas assembleias e nos piquetes em frente as maiores fábricas, onde 135 piqueteiros se filiaram

ao PCdoB, norteando o movimento.

Depois de 10 dias, a justiça do trabalho apresentou uma proposta conciliatória prevendo a reposição salarial de 120%, dois meses de estabilidade para os grevistas e que os patrões pagassem a metade dos dias. Os 50% restante serão descontados dos trabalhadores em duas vezes, de acordo com a proposição da justiça, a proposta foi aceita na assembleia da categoria que decidiu, também, retornar ao trabalho: contudo, a proposta da justiça está sendo estudada pelos empresários. No próximo dia 13 de julho eles se reúnem com a diretoria do sindicato para negociação.

Na Cut gaúcha

A corrente sindical classista deve rumar para o ingresso e participação efetiva dentro da Central Única dos Trabalhadores. A avaliação foi realizada pelos sindicalistas do PCdoB, que tem atuação na CSC do Rio Grande do Sul, durante o seminário sindical de 23 e 24 de junho. Cerca de 70 dirigentes sindicais participaram da palestra do membro do

comitê central do partido, Ronald Freitas e das atividades de grupo.

O palestrante afirmou que "há que se desenvolver o sindicalismo classista para enfrentar as investidas do governo Collor" ele observou que isso exige um cuidadoso estudo da realidade e, clareando os objetivos de internacionalização e sucateamento da economia nacional que se apresenta no bojo do plano Collor.

José Freitas, do diretório regional do PCdoB e membro da direção nacional, avaliou que no Rio Grande do Sul cerca de 400 mil trabalhadores, de mais de duas dezenas de categorias, responderam com greves ao arrocho patrocinado pelo governo.

Ele lembrou que as demissões que atingem 10% do total de um milhão de 417 mil trabalhadores gaúchos, exigem uma resposta contundente e coletiva.

Na Cut cearense

O Congresso Estadual da Cut do Ceará, 4º Concut, de 29 de junho a 1 de julho, em Fortaleza, contou com 409 delegados inscritos. A Corrente Sindical Classista — CSC apresentou o maior número de delegados, 75 trabalhadores de categorias distintas: previdenciários, saúde, asseio, bancários, comerciários, rodoviários, correios, metalúrgicos e castanheiros).

Os classistas participaram do congresso com tese própria e sua chapa para a direção da entidade ficou em 3º lugar, na frente da Corrente Articulação e obteve 8 cargos, sendo dois na executiva. A tesouraria coube ao sindicalista Junior, membro da CSC na categoria bancária.

O clima de unidade no congresso foi constante e enaltecido por todas as forças. A CSC só não conquistou um resultado mais amplo porque não pôde filiar a tempo na Cut, cerca de 8 sindicatos, o que lhe daria ao todo, 160 delegados no 4º Concut.

Com a vitória da chapa da Cut pela Base (37% dos votos contra 18, 5% da CSC, 16% Articulação e cerca de 21% para os grupos trotskistas juntos) foi eleito presidente regional da Central, o metalúrgico Antonio Ortins.

Passe-desemprego em SP

O vereador comunista Vital Nolasco, de São Paulo, teve sua proposta de passe-desemprego aprovada pela Câmara Municipal. A iniciativa evidencia a impecável preocupação do vereador para com os trabalhadores e representa uma importante vitória para os desempregados.

A nova lei, aprovada dia 5 de junho, concede aos trabalhadores desempregados redução de até 100% no preço da tarifa de ônibus. Para ser beneficiado, o trabalhador terá que se cadastrar no sindicato representante de sua categoria profissional, que ficará responsável pela aquisição de passes junto à prefeitura e sua devida distribuição. Os sindicatos ficaram imbuídos de cadastrar os desempregados por categorias e apresentar este cadastro à prefeitura.

Fidelidade operária

Preocupado com o agravamento da situação social do povo diante

do governo entreguista de Collor, Vital Nolasco, que é operário metalúrgico tem, por experiência própria, bem nítidas as dificuldades do viver operário no regime capitalista. Foi assim que resolveu propor um benefício que atingisse principalmente o trabalhador de baixa renda que, "além de arcar com as enormes responsabilidades de chefe de família, se vê às vezes, subitamente desempregado, não tendo mesmo sequer como deslocar-se à procura de emprego, por falta de dinheiro para pagar o transporte", justificou Nolasco.

O vereador também fez observar que o trabalhador desempregado, que recebe o Fundo de Garantia, na maioria das vezes, é obrigado a consumi-lo com despesas de alimentação da própria família, no primeiro mês após a dispensa. Também o seguro-desemprego, outro benefício social da maior relevância, é pago com redução a partir do 30º dia após o desligamento da empresa.

Vitória dos Metalúrgicos em Betim

Os metalúrgicos da FMB (empresa do grupo Tek-side, pertencente à Fiat), Timinas, Resil e Fornac, das cidades mineira de Betim e Igarapé, na greve que teve início no dia 7 de junho, reivindicavam a reposição salarial de 188%, correspondente às perdas acumuladas de março à maio e também a estabilidade no emprego.

Os metalúrgicos de Betim e Igarapé sempre estiveram na linha de frente das lutas dos trabalhadores. Sistemáticamente, através de greves e mobilizações têm conquistado os melhores acordos salariais da categoria a nível nacional. Após o Plano Collor, sofreram com o conjunto dos trabalhadores, enormes perdas salariais e ameaças de desemprego. Ironicamente, enquanto o país inteiro assistia à Copa do Mundo, com o Brasil ainda presente, os trabalhadores de Betim iam às ruas para jogar duro contra o governo. De costas para os trabalhadores, Collor não deixa dúvidas de que lado está. Quando da abertura dos jogos, hospedou-se na mansão da Fiat em Betim, como convidado de honra do presidente da empresa, Agnelli.

Trabalhadores da Fiat também resistem

Mesmo sem ter aderido completamente à greve, os operários da Fiat Automóveis, a maior empresa da região, resistem à política de arrocho e demissões dos patrões.

No dia 13 de junho, alguns piquetes foram o suficiente para parar 50% da fábrica. Nesse episódio, a Fiat mostrou a sua verdadeira face repressiva e de desrespeito aos direitos dos trabalhadores: sua política tem participado diretamente da repressão aos piquetes, mesmo em áreas fora da empresa. Foi instalado um circuito interno de TV dentro da fábrica para melhor vigiar os trabalhadores e os 22 diretores do sindicato estão impedidos há 20 dias de entrar na empresa.

Polícia militar às ordens da Fiat

Nesta greve ficou claro mais uma vez a ação da Polícia Militar à



Grevistas da FMB cruzam os braços em frente à Fiat

A morte na multinacional

Antonio Donizete Braga, 31 anos, casado, pai de três filhos, morreu com o diagnóstico de leucemia mieloide crônica — um tipo de câncer que ataca a medula óssea produtora dos glóbulos do sangue. Ele trabalhava na Fiat desde 1978, quando contava com 18 anos e em perfeitas condições de saúde. Durante todo esse período na empresa, trabalhou em diversos setores e esteve exposto ao contato com solventes, óleos minerais, solda elétrica e outras substâncias cancerígenas.

Há cerca de 4 anos, Donizete vinha apresentando sintomas de fraqueza, dor de cabeça, tonturas, "suadeiras", sonolência e falta de apetite. Procurou o serviço médico da Fiat onde foi-lhe dito que isto era um "probleminha no sangue". Há um ano atrás, persistindo os sintomas, o metalúrgico procurou um médico de sua confiança. Este lhe informou da gravidade da situação mas, já era tarde. Infelizmente já era tarde demais.

Leucopenia e Leucemia

Segundo o Dr. René Mendes, da Universidade de Campinas, um



Donizete: agonia e fim

dos maiores especialistas em doença profissional, a leucemia mieloide crônica (câncer na medula) pode ser causada pela intoxicação com solventes, óleos minerais, benzeno, solda elétrica e radiações.

A leucopenia, que é a diminuição dos glóbulos brancos no sangue (responsáveis pela defesa do organismo) é apontada pelo Dr. Mendes como um sinal inicial de leucemia.

Segundo o sindicato, a Fiat tenta esconder a existência de mais 10 ca-

sos de leucopenia em áreas de risco na empresa. O presidente do sindicato, Edmundo Vieira, informou que vai entrar na Justiça com ação criminal e cível, responsabilizando a empresa pelos danos causados aos trabalhadores. Além disso, após o recesso parlamentar, representantes da Fiat, do sindicato e da Delegacia Regional do Trabalho, se reunirão com a Comissão Parlamentar de Saúde da Assembléia Legislativa mineira para discutir o problema.

Apesar da crise, patrões lucram

Não é sem motivo que os metalúrgicos de Betim se lançaram à luta. Na Fiat, 80% dos operários ganham apenas Cz\$ 11.600; um trabalhador da Timinas ganha Cz\$ 5.285.

Para se ter uma idéia do arrocho salarial da categoria, uma cesta básica em Belo Horizonte custa mais que um salário mínimo. E se são arrochados os salários, os lucros das empresas andam soltos. Apesar da crise, a Fiat e a FMB, têm produzido de forma acelerada e antes da greve pressionavam os trabalhadores para fazerem hora extra. De janeiro à maio, exportou 64 mil carros.

Após o Plano Collor, a Fiat não deixou de produzir um único dia. Foi a única montadora do Brasil a ficar nesta situação. Investirá US\$ 350 milhões na produção do Tempra, seu novo projeto de carro.

Patrões encurralados greve vitoriosa

A greve de 20 dias que paralisou a FMB foi a mais longa desde a sua implantação.

O acordo conquistado, apesar de não atender integralmente às reivindicações dos metalúrgicos, significou uma vitória contra a política de arrocho do governo. O acordo assinado três dias após a decretação da MP 193 que proíbe qualquer reposição fora da data-base, representou um furo nesta política de arrocho salarial.

Os empresários, representados pela conservadora e intransigente FIEMG, jogaram duro. Até mesmo a proposta de conciliação feita pelo TRT eles não aceitaram. Após todos estes dias de greve e as duras reuniões entre sindicatos e FIEMG realizadas no TRT, em frente ao qual concentraram-se mais 1500 operários, foi conquistado o seguinte acordo:

20% de antecipação salarial em junho, 10% em julho, 30 dias de garantia de emprego, descontos dos dias parados em 4 parcelas (4 meses) e mais 15 dias de aviso para os demitidos.

A assembléia de encerramento da greve estava cheia. Os operários compreenderam que devido a Fiat não ter paralisado, os patrões não melhoraram mais a proposta. Ficou claro que eles endureceram o coração e partiram para frente e preparar a campanha salarial que se desfecha em outubro (da Sucursal).

Cristiane Barkhausen-Canale

A Alemanha ensaia a construção do Quarto Reich

Uma destacada escritora da RDA explica no Brasil porque prefere chamar de "anexação" o processo que resultará na unidade das Alemanhas, analisa os motivos do fracasso da sociedade construída a Leste do Muro de Berlim e revela: "muitas pessoas de esquerda pensam em emigrar, pois já não suportam viver no novo país que se formou"

Entrevista a Antonio Martins, José Carlos Ruy e Joana D'arc de Souza

Conhecida na Alemanha Oriental (RDA) por sua dedicação incansável ao estudo de temas latino-americanos, a escritora Cristiane Barkhausen-Canale veio ao Brasil, em junho último, para participar do lançamento de seu livro "No Rastro de Tina Modotti", publicado pela Editora Alfa-Ômega.

Convidada a proferir dezenas de palestras, para públicos tão díspares entre si como os professores do Instituto de História da USP e os membros da Comissão de Fábrica da Ford em S. Paulo, Cristiane era incapaz de esconder, a cada encontro, a satisfação renovada que sentia ao narrar a vida de Tina Modotti, uma fotógrafa italiana famosa que abandonou no início do século a Europa e a profissão, para dedicar-se integralmente às lutas de libertação da América Latina.

Cristiane demonstrou, além disso, que não se enquadra no rol dos intelectuais que preferem ficar distantes dos problemas políticos quotidianos, e que evitam dar declarações contrárias às opiniões correntes. Chamada a posicionar-se diante do tema palpitante da reunificação alemã, ela não titubeou em contrariar os que vêem apenas a aparência do processo, e o qualificam ingenuamente como algo avançado e positivo. Para Cristiane, ao contrário, trata-se da destruição de uma oportunidade histórica: a de desenvolver, na atual RDA, uma sociedade distinta tanto do capitalismo quanto do regime burocrático que lá vigorou por quatro décadas.

A autora não se esquivou, neste particular, de fornecer informações instigantes sobre a experiência deformada que seu país viveu no pós guerra, e que ela faz questão de chamar de "socialismo entre aspas". Mas pôs em destaque, acima de tudo, o sentimento chauvinista que vai se apoderando de amplos setores da população alemã, especialmente agora que o país prepara-se para disputar com força a hegemonia do mundo capitalista. Este sentimento, mostrou Cristiane, pode facilmente transformar-se em algo com características fascistas mais abertas. A seguir, a entrevista que ela concedeu à Classe em 27/6.

CLASSE: Você tem dito, em algumas entrevistas, que prefere chamar de "anexação" o processo que está em curso entre as duas

Alemanhas. Você poderia explicar melhor esta posição?

CRISTIANE: A palavra unificação, para mim, pressupõe algo qualitativamente novo. Mas, se o processo se realiza segundo o famoso artigo 23 da constituição ocidental, que é a tendência que prevalece hoje, fica claro, segundo estabelece este artigo, que qualquer território que opte por unificar-se com a Alemanha Ocidental (RFA) deve aceitar automaticamente as leis deste país em consequência, até mesmo muitas conquistas que adquirimos na Alemanha Oriental (RDA) se perderão. Exemplos concretos são o caso das fronteiras e a questão do aborto. Em nosso país, ele é um direito das mulheres, até o terceiro mês de gestação. Na Alemanha Ocidental, contudo, isso não existe. É preciso alegar certas razões. Portanto, eu acho que se a legislação em vigor na RFA for imposta também a nós, não será possível empregar outro termo para o processo a não ser anexação.

Creio que o processo, da forma como está se processando, representa o fim de uma possibilidade histórica. Preferia que o povo da RDA tivesse tempo para refletir, para discutir, para ensaiar um modelo de sociedade que não fosse o de uma sociedade capitalista e tampouco fosse o tipo de socialismo que existiu no país.

CLASSE: Pelo que acompanhamos aqui, foi um processo-relâmpago, em que os fatos iam se atropelando uns aos outros.

CRISTIANE: Sim. Segui muito de perto os fatos em outubro e novembro, e não havia naquele momento nenhuma força social, nenhum partido que tivesse proposto abertamente a unificação. As pessoas queriam uma lei para poder viajar ao exterior, e quem sabe trocar dinheiro para não viajar como mendigos.

CLASSE: Logo após a II Grande Guerra as forças que se opunham a uma eventual unificação alemã eram os Estados Unidos e seus aliados, talvez por acreditarem que o novo país que surgiria do processo tenderia a assumir uma posição mais à esquerda. Quatro décadas depois, os capitalistas não apenas deixaram de temer esta ameaça como ainda tiveram for-



ças para impor ao outro lado uma unificação a seu modo. Como você vê essa inversão, e especialmente o crescimento dessa atração pelo mercado e pelo consumo ocidental na RDA?

Participação das massas na gestão do país nunca existiu na prática

CRISTIANE: No passado simplificávamos muito as coisas, dizíamos que todos os que cruzavam o muro o faziam para participar do consumo ocidental, e isso não é certo. Muitas pessoas, sobretudo jovens, simplesmente não viam, na forma como o socialismo se apresentava, terreno para ação concreta, não viam chances e perspectivas de um compromisso social, porque a participação das massas na gestão do país era formal, não existia na prática.

O problema, então, era que não havia debate no país, e as pessoas precisavam por prova suas opiniões, discutir com gente de outros pontos de vista, porque sempre falando no mesmo círculo não se avança. Além disso, penso que é preciso reconhecer, hoje, que de um ponto de vista mais rigoroso a sociedade da RDA nunca chegou a ser socialista. Foi uma

sociedade não-capitalista, porém jamais atingiu o socialismo.

Um dos critérios para falar em sociedade socialista e o grau de socialização dos meios de produção, é o que nos chamávamos de fábricas e empresas de propriedade do povo não eram como tal, eram simplesmente fábricas estatizadas. E a classe operária na RDA não desenvolveu uma consciência de ser proprietária dos meios de produção. Isso explica também por que nesses meses não houve protestos ou lutas mais decididas para defender as conquistas. Não houve o desenvolvimento dessa famosa mentalidade de proprietários coletivos dos meios de produção.

CLASSE: A que você atribui isso?

CRISTIANE: Bem, não havia participação dos operários. Veja, por exemplo, a famosa discussão do plano. Os ministérios apresentavam um projeto de plano econômico, e teoricamente ele deveria ir às massas para que elas o discutissem e corrigissem. Na prática, contudo, os planos eram feitos de antemão com uma certa margem, para que todos pudessem adaptar-se a ele, sem grande esforço. Além disso, havia pouco estímulo material aos operários. A



siderável da população vai viver à beira do que se chamaria de estado de pobreza.

Livrarias trocam obras de nossos autores por algo como Harold Robins

CLASSE: Que tipo de trabalho foi feito, após a guerra, para enfrentar a influência das idéias fascistas, que tinham polarizado a sociedade durante décadas?

CRISTIANE: Um trabalho puramente formal, uma autêntica fuga de problemas que existiam e que eram graves. Idealizou-se a situação. Acreditávamos que todos os nazistas tinha passado para a RFA, e que todo mundo que havia permanecido na parte oriental era anti-nazista, não tinha nada a ver com o passado. Digo por experiência própria. Na Alemanha Federal, por exemplo, quando eu via uma pessoa de 60, 70 anos, eu me perguntava: que terá feito este no passado? E isso não ocorria em meu país, porque eu estava convencida de nossa idealização sobre o paradeiro dos nazistas. De forma que, por medo de mexer no passado, acabamos dando por decreto um atestado de anti-fascista à pessoas que tiveram envolvimento concreto com o passado nazista.

Aliás, esta resistência a examinar com rigor a própria história parece ser uma constante na vida alemã. Um fenômeno muito semelhante está ocorrendo agora, com a "reunificação". Você só encontra vítimas, todos foram vítimas... podem ter sido secretários do partido, mas "foram vítimas". Todos estão buscando em seu passado um ponto em que possam se basear para dizer: "eu também sofri a repressão".

CLASSE: Há informações de que estão aparecendo na RDA fenômenos que demonstram uma deterioração cultural muito grande, e inclusive a volta do racismo contra imigrantes. Você poderia falar um pouco sobre isso?

CRISTIANE: Muitas pessoas apressaram-se inclusive em tirar todos os livros marxistas de suas bibliotecas para jogá-los no lixo. As livrarias do país fizeram uma liquidação dos livros de autores da RDA para obter espaço físico e importar livros do ocidente. E não boa literatura, infelizmente um amigo do ocidente observou inclusive que havia passado por cinco livrarias e exatamente no local onde antes estavam as obras de Marx e Engels há agora livros tipo "Administração Empresarial", "Curso de Retórica", "Como Fundar uma S.A.". E a coisa chega a extremos tais que os representantes das academias de ciência referem-se hoje apenas às ciências sociais, à filosofia, baseada em Hegel e Kant, aí termina. E como se não tivesse havido outros depois desses. ... a editora do partido, por exemplo, tem sérios problemas para continuar a edição científica das obras de Marx e Engels.

A impressão que tenho é que estamos em um país colonizado. Lembro-me de uma cena que me chocou muito, e ocorreu em fevereiro ou março. Fui com uma equipe de televisão espanhola, de carro, a um lugar nos subúrbios de Berlim, muito freqüentado por gente do lado ocidental. Há no caminho uma barreira, para passagem de trem. Quando os carros ocidentais paravam diante da barreira para es-

perar o trem, chegavam crianças para pedir dinheiro. Depois falamos com as pessoas do lugar e então nos contaram que os pais dessas crianças dizem orgulhosos: "Meu filho trocou hoje dez marcos ocidentais lavando vidros". "Ah, mas o meu filho trocou quinze, então ele é mais inteligente que o seu".

Neo-nazis agem à luz do dia, atacando esquerda e os estrangeiros

CLASSE: Fale sobre a volta de organizações neo-nazistas.

CRISTIANE: Sim, há casos terríveis como o da tentativa de massacre de um trabalhador vietnamita, que, ocorreu na região sul do país, em abril. Após uma partida de futebol um grupo de jovens neo-nazistas reuniu-se num trem e começou a promover correrias, a quebrar cadeiras, a golpear as pessoas. De repente, viram um vietnamita, um trabalhador vietnamita e começaram a concentrar-se sobre ele caçando-o no trem. O vietnamita não viu outra saída, a não ser abrir a porta e ficar pendurado para fora do trem, agarrando-se na porta, em alguma coisa, com o trem a toda velocidade. Foi a única forma de se salvar.

E este é apenas um dos casos. Em primeiro de maio realizamos uma festa para estrangeiros, em Berlim, um antigo clube da juventude. Os neo-nazistas haviam avisado de antemão que iriam a todos os locais onde a esquerda e os estrangeiros estivessem promovendo atos. Precavidamente, havíamos solicitado proteção da polícia que foi prometida mas não se efetivou. E em determinado momento chegaram uns 150 nazis, com porretes, querendo entrar na casa. Por sorte havia um portão de ferro, e conseguimos evitar que a invadissem.

O pior é que não é algo inteiramente novo. Durante muitos anos a polícia, e as próprias pessoas sentiam-se mais incomodadas quando viam um jovem com cabelo verde ou cabelo azul — os punks — que quando deparavam com um skin-head, que era o grupo de onde foram recrutados os neo-nazis. Isso porque os skin-head tinham um cabelo bem arrumadinho, com repartido bem feito... E os primeiros julgamentos contra os atos dos neo-na-

zis, que não foram chamados assim mas apenas de "skin-heads", tiveram a presença de inúmeras testemunhas que depuseram a favor dos acusados, afirmando: "Não os condenem, são trabalhadores, respeitam disciplina e pontualidade, têm os valores alemães...".

Muita gente progressista já diz: "Nessa Alemanha é impossível ficar"

CLASSE: Na RFA e na Nova Alemanha Unida a impressão que nós temos é de que é muito difícil sustentar uma posição de esquerda...

CRISTIANE: Acho que nossa situação, a da parte oriental, vai ser ainda mais difícil. Porque na Alemanha Ocidental há muitos grupos, muitas associações que por exemplo estão fazendo trabalho pelo terceiro mundo, estão apoiando movimentos guerrilheiros e inclusive têm possibilidade de obter certo dinheiro do estado. Este sistema capitalista é muito inteligente e permite uma certa abertura. Mas parece que a RDA vai ser diferente, o próprio capitalismo vai aparecer de uma maneira mais crua, mais brutal, mais selvagem.

Além disso, se coloca outro problema. A segurança do estado, no RDA, tinha 6 milhões de pessoas fichadas, inclusive muita gente do próprio partido que estava no poder... os comitês cívicos que se formaram no outono passado ocuparam as sedes da polícia secretas, apoderaram-se das fichas. Após as eleições, porém, a social democracia tomou uma decisão terrível. Formou-se um governo de coalizão, e para obter o ministério do exterior ela concordou em entregar o ministério do interior para um representante do partido da direita — a União Social Alemã. Poucos dias depois de empossado, esse ministro do interior decretou: "os comitês cívicos já podem voltar para casa, eu agora me encarrego pessoalmente das fichas." E agora existe o perigo evidente deste material ser entregue à segurança da Alemanha Federal.

CLASSE: A própria democracia burguesa corre risco, então.

CRISTIANE: Sim, e acho que também os sindicatos, o Movimento Operário do Ocidente vão ficar em situação delicada, porque é difícil impor exigências se há uma massa de desempregados no oriente disposta a aceitar emprego em qualquer condição, vai ser um retrocesso geral. Isso sem falar das correntes neo-nazis e do crescimento do sentimento nacionalista, que é geral, porque os alemães têm agora a impressão de que podem fazer tudo o que queiram. O próprio resultado da II Guerra está praticamente esquecido, e se conseguem que a Alemanha Unida seja membro da OTAN, que vitória, surge um sentimento de que "nós podemos fazer tudo", e é como se a própria história pudesse ser atirada à lata do lixo.

A conseqüência disso é que muita gente de esquerda, em ambas as Alemanhas, está pensando em emigrar. O tema da emigração é cada vez mais discutido, de ambos os lados. Uma parte muito significativa das pessoas nos progressistas passaram a dizer, com cada vez mais convicção: "nesta Alemanha eu não fico".



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

cada ano, no primeiro de maio, se premiavam os melhores trabalhadores com uma medalha de ativista e com aumento de salário. Na prática, as pessoas caçoavam disso, porque os critérios para entregar essas condecorações eram completamente formais.

Desprezamos necessidade de construir homem novo. Foi a maior tragédia

CLASSE: Tem havido muito debate, após o retrocesso na União Soviética sobre a necessidade de criar o homem novo. Houve algum esforço nesse sentido na RDA?

CRISTIANE: Esse é o maior problema. Claro, não se criou esse homem. Acho que a única chance para o socialismo após a guerra, a única perspectiva para ele demonstrar-se superior residia em esforçar-se para criar este homem novo, criar uma escala de valores diferentes, novos. E justamente isso não foi feito.

Isso se tornou muito visível em 68, quando tomamos contato com um discurso famoso de Fidel Castro, em que ele falava dos estímulos morais e criticava o fato de nos países socialistas da Europa se aplicarem somente os estímulos materiais. Naquele tempo entendíamos que, para poder aumentar a produção, esta era a única saída viável, que o homem novo não existia... mas ao mesmo tempo não fazíamos qualquer esforço pela evolução ideológica das pessoas.

CLASSE: Você tem dito também que com o tipo de "unificação" que se está fazendo a tendência é que a RDA atual acabe se transformando numa Sicília, numa Calábria — uma região pobre dentro de um país rico.

CRISTIANE: É isso que se vai fazer. A parte oriental do país vai se manter com sua estrutura de salários. E os salários pagos na parte oriental são a terça parte dos salários na metade ocidental. Se a isso acrescentamos que vão desaparecer os subsídios, que todos os preços vão aumentar, dos serviços básicos aos transportes, e aos alugueis — fica claro que o nível de vida vai ser muito baixo. Isso é dito claramente inclusive por especialistas ocidentais, que confirmam que uma parte con-

CONSCIÊNCIA SOCIALISTA

Ousadia na meta de conquista de votos

Rogério Lustosa*

"Eleição no regime burguês é jogo de carta marcada - o que interessa é fazer propaganda revolucionária". Esta é a meia verdade que se contrapõe à dos que só pensam no voto. E, muitas vezes, a fórmula defensista dos que falam muito mas não têm garra para enfrentar as diversidades na conquista prática do eleitorado.

Marca de ousadia

A ousadia é marca essencial dos revolucionários. Estabelecer metas elevadas e atirar-se com entusiasmo para inclusive superá-las. Já no século passado, Marx saudava calorosamente os combatentes da Comuna de Paris que ousavam "tomar os céus de assalto".

Mesmo considerando que a eleição de deputados não será suficiente para o proletariado realizar transformações maiores na sociedade, a conquista de uma forte bancada comunista no Legislativo cumpre papel relevante na luta pelo poder e mesmo pelas reivindicações imediatas dos trabalhadores.

Evidentemente que não interessa ao povo fazer planos mirabolantes, que não levam em conta a realidade. Mas é injustificável a atitude de, em nome de um duvidoso bom senso, restringir a campanha a um pragmático "mínimo seguro" de candidatos.

Voto consciente

Na batalha eleitoral, a luta concreta para obter o voto de cada operário, estudante, intelectual, dona de casa, camponês, mobiliza a militância, age como catalizador do espírito de luta das massas. Fazer propaganda das idéias e convencer o eleitor, como consequência, a sufragar nas urnas o representante de tais concepções, é uma forma de ligar o geral com o particular. E de comprometer o candidato e o partido com o povo - e vice-versa.

O eleitor que se dispõe a votar no candidato comunista enfrenta objetivamente a fantástica propaganda mundial anti-socialista. Fica com a coerência revolucionária do PCdoB contra o ecletismo e a descrença alimentadas pela ruína dos regimes do Leste europeu.

Quem toma consciência e vota, em geral se dispõe a conversar com seus amigos e colegas sobre o seu candidato. Torna-se um multiplicador da campanha. Neste sentido, a batalha do voto não só amplia a influência partidária como é também importante instrumento para a filiação de inúmeros novos combatentes revolucionários.

Particularmente agora, quando o plano milagroso do multi-atleta presidente se desmascara para a grande massa descamisada, e quando as mudanças no Leste resultam em governos de direita, abertamente anticomunistas, crescem as condições para uma boa campanha.

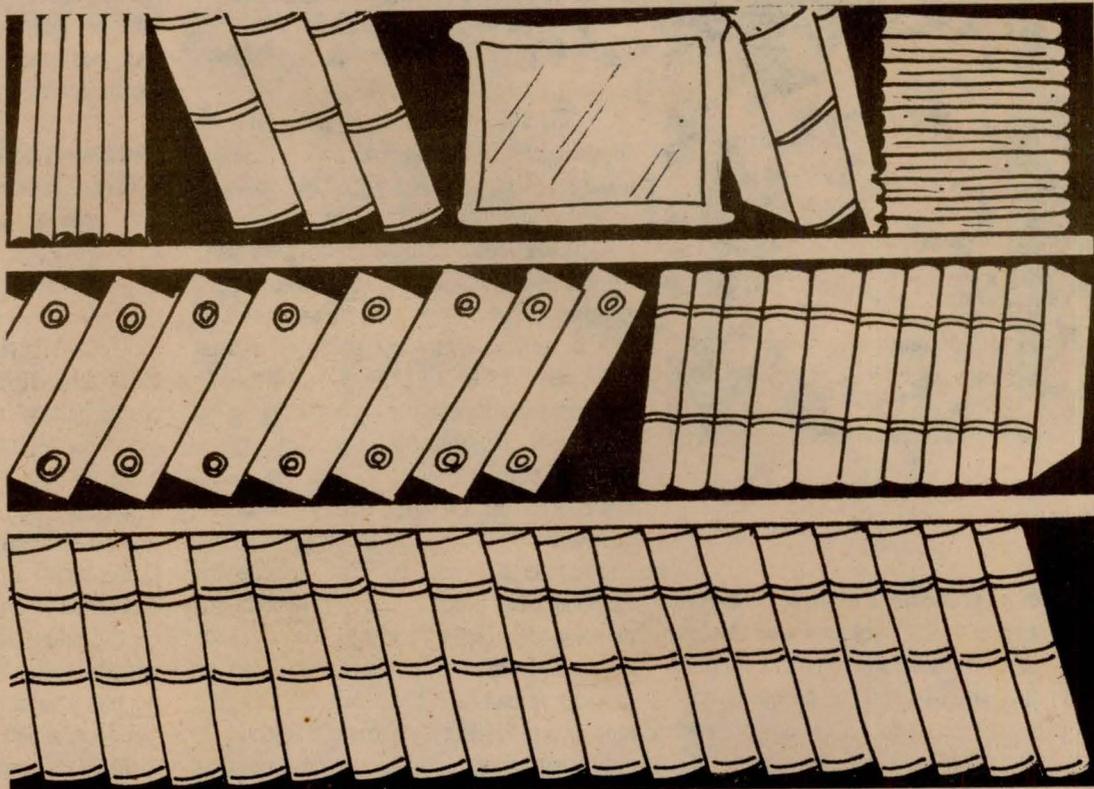
Honrosa tradição

Aumentaram também, neste período, as possibilidades de ampliar o número de deputados comunistas. Sensível às alterações no quadro político, na grande maioria dos Estados o PCdoB compreendeu as flexões táticas exigidas pela realidade, rejeitando a sedução de tendências adequadas estreitas, o Partido soube estabelecer coligações com correntes democráticas, capazes de enfrentar a maré autoritária collorida.

Seria despropositado parafrasear Marx e tentar tomar as urnas de assalto. Mas é inteiramente apropriado manter a honrosa tradição de coragem e ousadia do PCdoB, herdada do que há de melhor no proletariado. Na campanha, vamos levar a todos os rincões a mensagem do Partido e eleger o máximo de candidatos.

* da direção nacional do PCdoB

Preservando a memória do Partido



O Instituto Maurício Grubois (IMG) e o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), Centro de Pesquisa e Documentação Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH) estabeleceram, no último dia 21 de junho, um protocolo de cooperação com o objetivo de preservar a memória do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). A solenidade de assinatura do documento foi realizada no auditório do IFCH, com a presença do professor Cláudio Henrique Batalha, presidente do AEL, do jornalista Luiz Manfredini, presidente do IMG e do secretário-geral do Comitê Central do PCdoB, Dynéas Aguiar, que em seguida falou aos professores e estudantes presentes sobre a história do Partido.

Pelo protocolo assinado, o IMG e o AEL desenvolverão ações conjuntas visando recolher documentos escritos, orais e visuais de modo a construir um acervo documental de fontes para o estudo da trajetória do PCdoB, que ficará depositado no arquivo, à

disposição dos interessados. O termo prevê ainda, com base nos materiais coletados, a publicação de catálogos, guias, séries documentais e livros, assim como a realização de exposições, emissões de rádio e TV, além da promoção de seminários e atividades que aprofundem as questões teóricas e históricas relacionadas com a trajetória do Partido.

Na ocasião da assinatura do protocolo, o professor Cláudio Henrique Batalha, desde o início um entusiasta da cooperação firmada entre o arquivo e o IMG, destacou o interesse e a importância da preservação da memória do PCdoB, colocando-a ao alcance dos estudiosos. O jornalista Luiz Manfredini afirmou que o protocolo assinado inaugura um entendimento entre o IMG e o AEL que tem todas as condições para se ampliar, em proveito recíproco e daqueles que se interessarem pelo estudo do movimento operário brasileiro e da vida política do país, de modo geral, a partir de 1922.

IMG participará da SBPC em Porto Alegre

O IMG estará e na reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que será realizada em Porto Alegre, de 8 a 13 deste mês. O Instituto promoverá, no dia 11, às 18 horas, no auditório do Instituto de Educação (a 50 metros da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde estará ocorrendo a reunião da SBPC) uma mesa redonda para examinar "O Leste europeu e a perspectiva do socialismo". Para tanto o IMG reunirá dois estudiosos qualificados: o professor Luiz Fernandez, membro do CC do PCdoB, vice-presidente do IMG, mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professor da Universidade Federal Fluminense e autor da tese "O outro lado do imperialismo: a reintegração da economia soviética no mercado capitalista mundial"; e o jornalista, escritor, advogado e filósofo Luiz Paulo de Pillaynes, Secretário de Cultura de Porto Alegre e autor de vários livros.

Concentrar esforços na campanha

Dynéas Ágular*

A partir de agora até outubro/novembro, a principal tarefa dos militantes e dirigentes do PCdoB é a campanha eleitoral. O desafio é eleger os candidatos aos cargos majoritários com quem o Partido está coligado, e expressivas bancadas para a Câmara Federal e Assembléias Legislativas, alcançando simultaneamente o crescimento das fileiras partidárias.

Terminada a fase das convenções, constituídas as coligações e lançados os candidatos do PCdoB a deputado federal e estadual, agora trata-se de realizar intensa campanha para elegê-los. Esta é a prioridade e nela devemos concentrar todos os nossos esforços.

O curto período que nos separa das eleições (menos de 3 meses) exige que o planejamento da campanha defina claramente os pontos de concentração de nosso trabalho para a conquista dos votos necessários e, concomitantemente, medidas para a consolidação e expansão do Partido.

Para realizarmos as convenções foram constituídas comissões provisórias em pelo menos 20% dos municípios de cada Estado. Alguns comitês regionais desenvolveram ampla campanha de filiação com o que puderam realizar convenções municipais para elegerem os diretórios definitivos. A maioria esmagadora dos delegados das comissões provisórias e diretórios municipais participaram das convenções.

Os diretórios municipais são pontos de apoio para desenvolver a campanha

Os diretórios e comissões provisórias constituem importantes pontos de apoio para a ampliação da nossa campanha eleitoral e da base partidária. Será participando ativamente dessa batalha política que seus dirigentes irão se entrosando com nossa orientação, dominando nossa linha e se formando como militantes ativos e novos quadros. Dessa forma precisam ter acompanhamento permanente por parte do comitê regional.

Tal como os diretórios municipais e comissões provisórias no interior, nas capitais, os comitês distritais é que deverão ser os centros de mobilização dos militantes para a campanha. Eles é que deverão plane-



A militância comunista deve desenvolver iniciativas ousadas com o desafio de mobilizar as massas e fazer crescer o Partido

jar as atividades de propaganda, realizar reuniões de massas para difundir a plataforma de nossos candidatos, tanto os majoritários como os proporcionais, organizar e garantir o funcionamento de dezenas de comitês populares em cada bairro ou conjunto habitacional.

A garantia da eleição de nossos candidatos está diretamente vinculada à realização de uma ampla

campanha política de massas. Nossos dirigentes e militantes devem empreender todos os esforços para estender a campanha para muito além dos limites do Partido. Isso vai exigir não só uma intensa propaganda, como principalmente encontrar formas possíveis de entrosar o eleitor, o amigo e o simpatizante do Partido na campanha propriamente dita.

Tudo depende da ação autônoma das bases e direções intermediárias

Os comitês suprapartidários, os comitês populares, os núcleos de apoio, grupos de propagandistas, comitês de categorias profissionais, de jovens, mulheres, intelectuais, artistas etc. são instrumentos já consagrados pela prática de campanhas

Fóton

anteriores. A experiência nos ensina que, para sua formação e funcionamento permanente, o importante é confiar no espírito de iniciativa dos militantes, dos amigos e simpatizantes. Dar-lhes autonomia e independência de ação para difundirem as plataformas e programas dos nossos candidatos significa, em última instância, criar melhores condições para difundir a linha e o programa do Partido para os mais variados e amplos setores de massas.

Com esta orientação se abrirá para os militantes de base e dirigentes intermediários um vasto campo de trabalho político e, em consequência, possibilidades excepcionais para a filiação e recrutamento de milhares de novos membros.

A conquista de votos e o crescimento do Partido são objetivos inseparáveis

Ao planejar as metas de votos que precisamos alcançar em cada município e zona das capitais, os comitês regionais devem definir, igualmente, as metas de filiação a serem realizadas até o dia 3 de outubro nesses locais.

Não podemos incorrer em erros cometidos nas campanhas passadas quando, mesmo nos Estados em que conseguimos expressiva votação, não nos preocupamos o suficiente com o crescimento, consolidação e fortalecimento do Partido, deixando de incorporar milhares de pessoas que apoiaram nossos candidatos e participaram dos comitês de campanha, contribuindo de forma significativa para nosso êxito eleitoral.

Outra insuficiência que precisamos superar diz respeito à consolidação dos novos comitês municipais e comissões provisórias formados na atual campanha de filiação. Ao ativá-los para a batalha eleitoral, deveremos capacitá-los política e ideologicamente para que se transformem em direções de fato, enraizando o Partido e ampliando o número de militantes.

Dessa forma, poderemos chegar a 3 de outubro com vitórias expressivas no campo político, com a eleição de governadores que apoiemos em coligações, uma bancada comunista para a Câmara Federal e nas Assembléias Legislativas e um Partido reforçado com a adesão e incorporação de milhares de novos membros.

CDM Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois
da direção nacional do PCdoB

Descamisados contra Collor

José Euflávio*

A Confederação das Associações de Moradores aponta demagogia e descaso na ação do governo junto à população marginalizada, faz circular abaixo-assinado monstro em todo o país e prepara-se para realizar a Marcha dos Pés-descalço contra o Planalto.

F. Gualberto

A Confederação Nacional das Associações de Moradores — Conam — entregará ao presidente Fernando Collor, no dia seis de agosto, abaixo-assinado reivindicando uma política habitacional justa, manutenção, ampliação e aperfeiçoamento dos programas sociais de emergência, congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, suspensão do pagamento da dívida externa e reforma agrária com distribuição de terra ao povo pobre que trabalha no campo.

Contra Collor, prevista marcha dos descamisados e dos pés-descalços

Segundo o presidente da Conam, Vladimir Dantas, a decisão de entregar o abaixo-assinado ao governo foi aprovada na reunião do Conselho Deliberativo da entidade, realizada no início de junho, em Brasília. Ele espera poder entregar ao governo pelo menos cinco milhões de assinaturas, colhidas em todo o país por Associações de Moradores, Federações e outras entidades populares.

A entrega do documento faz parte da estratégia de luta do Movimento contra a Carestia, a Fome e a Miséria, coordenado pela Conam, a nível de Brasil, e pelas Federações de Associações de Moradores, nos Estados. "Estamos mobilizando nossas bases, pois não suportamos mais a política de demagogia do governo", diz ele.

Nos dias 3, 4, 5 e 6 a Conam vai realizar, em Brasília, seu Encontro Nacional. O último dia desse encontro será destinado à Marcha dos Pés-descalços e Descamisados, que sairá da Catedral Metropolitana em direção ao Palácio do Planalto, onde será entregue o abaixo-assinado do movimento contra a carestia, fome e miséria.

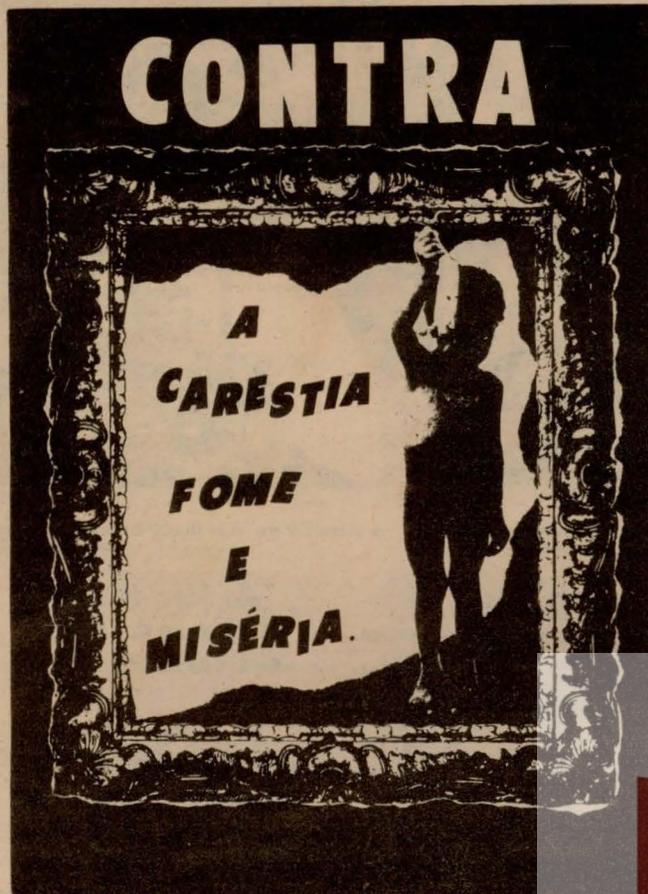
A Conam quer que o governo construa 14 milhões de moradias em cinco anos, atendendo as populações de baixa renda que ganham até cinco salários mínimos. "Com a construção dessas moradias, o problema do déficit habitacional do país baixaria



Vladimir Dantas, presidente da Confederação: "Queremos o fim do pagamento da dívida"

F. Gualberto

MOVIMENTO CONTRA



O cartaz da Conam: organizando, para 6 de agosto, a marcha contra Collor.

em muito", observa Vladimir Dantas, frisando que o governo não tem disposição para atender a essa reivindicação do movimento comunitário.

Uma exigência: congelar de fato os preços dos produtos básicos

Ele diz que a manutenção e aperfeiçoamento dos programas sociais do governo é de grande importância para as populações pobres. Entre esses, estão o Programa Nacional do Leite e distribuição de cestas básicas para as famílias carentes. Vladimir acha prioritário que o governo mantenha um programa de trabalho e emprego para trabalhadores desempregados.

O congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, conforme o presidente da Conam, deve ser encarado pelo governo como uma coisa prioritária para as famílias de baixa renda. "Muitas famílias não têm nem sequer salário e, por isso, os gêneros devem ser congelados", analisa. O salário mínimo deve sofrer aumentos mensalmente, conforme o índice de inflação sem nenhuma manipulação por parte do governo.

Fala Dantas, presidente da Conam: "Planalto só faz demagogia"

Somente com organização de

serva Vladimir, é que a população brasileira, principalmente a população pobre, vai conseguir pressionar o governo a tomar medidas realmente populares.

O governo deve ter programas que visem as populações carentes, que são as mais necessitadas — diz o presidente da Conam, para quem o governo Collor até o momento só fez demagogia ao gastar altas somas de recursos públicos com a melhora de sua imagem na televisão.

Ele chega a citar que uma pesquisa feita em Brasília, nos dias 14 e 15 de junho, mostra que a população não acredita nas promessas do governo, uma vez que nenhuma medida popular foi concretizada até o momento. O movimento comunitário, frisa, está atento a isso e vai pressionar o governo a tomar medidas que atendam as reivindicações das massas pobres do país.

Em vários congressos das Federações das Associações de Moradores, o Plano Collor tem sido repudiado, uma vez que é recessivo, trás mais miséria para o nosso povo e não aponta para uma solução para a crise econômica que o país atravessa, atualmente.

Centenas de abaixo-assinados começam a chegar, de todo o país

Com o Plano Collor, a crise não tem uma solução imediata, já que o desemprego vem aumentando e somente os trabalhadores é que são penalizados — diz Vladimir Dantas, frisando que as perdas salariais não são corrigidas pelo governo, que nitidamente beneficia os grandes empresários.

Além do mais, uma das principais reivindicações do movimento comunitário não vem sendo discutida pelo governo. A Conam exige que o governo construa as casas populares que o então candidato a presidente, Fernando Collor, prometeu ao povo brasileiro.

A Conam já recebeu centenas de abaixo-assinado de municípios de Santa Luzia (MG), Passo Fundo (RS), São Luiz (MA), Crateús (CE), Quixadá (CE), Ponte Nova (MG), Timóteo (MG), Nova Iguaçu (RJ), Macaíba (AL), S.J. Jaguaribe (CE), Goiânia (GO) e Poá (SP). A Conam espera entregar mais de cinco milhões de assinaturas ao governo.

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Fisiologismo em nome de Deus

Miguel Lucena*

As seitas pentecostais ocupam espaço entre a população marginalizada, procuram transformar seus "pastores" em deputados, e recebem montanhas de dólares do exterior para tentar eleger em outubro uma bancada parlamentar comprometida com o atraso e os preconceitos.

A prisão preventiva do pastor Edir Macedo, deputado estadual no Rio de Janeiro, líder nacional da Igreja Universal do Reino de Deus - seita religiosa que explora o lumpem-proletariado desinformado e sem perspectivas no regime capitalista -, foi solicitada na quinta-feira, 28, pelo delegado Irineu Barroso, do Rio, para apurar denúncias de estelionato, charlatanismo e curandeirismo. O episódio encerra apenas um capítulo de uma novela repleta de lances grotescos, típicos do atraso cultural a que estão submetidos os países do mundo capitalista - em que grandes massas são atraídas pelo fanatismo e desespero de salvar-se do fogo dos infernos e conquistar o reino dos céus.

O pastor, como de resto todos os outros espalhados pela pátria, acumula imensa fortuna. Os líderes evangélicos, pregadores da moral e dos "bons costumes", não raro são envolvidos em escândalos de toda ordem. O dinheiro que arrecadam - a pretexto de uma salvação que só beneficia seus bolsos - saem de pessoas paupérrimas que, em sua maioria, vivem em situação de miséria. Outra fonte que eles atacam é a máquina governamental, da qual sugam recursos em troca de apoio aos governantes conservadores e reacionários.

Evangélicos têm dinheiro dos EUA, e lutam para eleger-se em novembro

A maioria recebe, também, dinheiro dos Estados Unidos para combater as idéias progressistas e mais diretamente o comunismo - regime apregoado por eles como obra do demônio. É tanto que, com a queda dos regimes revisionistas, a Igreja Universal e outras



Testemunhas de Jeová: estádio cheio, barriga vazia e o céu como promessa

seitas - como as Testemunhas de Jeová - preparam-se para invadir o Leste europeu, com bíblias na mão e muito dinheiro no bolso. A Albânia socialista - onde não há analfabetos, desemprego e fome, com a população gozando de liberdade para governar e controlar quem governa - é vista com pavor por essa casta de aproveitadores. Num recente debate no bairro da Liberdade, em Salvador, um pastor da Assembléia de Deus - informando ter visitado a Albânia - atacando o governo albanês com o argumento infantil de que lá o povo é proibido de "rezar ao Senhor".

Abrigados em legendas reacionárias - tipo PDS, PFL, PRN e PDC -, eles se preparam este ano para arrebancar milhões de votos em todo o país. Para isso, não se apegam simplesmente à força da promessa de garantir o "reino dos céus". Adquirem emissoras de televisão e rádio nas grandes capitais e cidades do interior, como é caso de Edir Macedo, dono da TV Record.

Verba de 300 milhões ajudou, em 88, a garantir os 5 anos para Sarney

Informações do Jornal do Brasil dão conta de que, em todo o país, estima-se que 50 deputados federais e 100 estaduais pentecostais serão eleitos em outubro. E acrescentam que, durante a As-



Templo da Igreja Universal, em Salvador: prédio luxuoso onde o demônio é "exorcizado"

sembléia Constituinte, parlamentares ligados a várias igrejas receberam Cr\$ 300 milhões em verbas federais para garantir o mandato de cinco anos para o ex-presidente José Sarney.

Na Bahia, apenas o deputado federal Celso Dourado, da Igreja Presbiteriana, não assume posições reacionárias. Filiado ao PSDB, votou contra os cinco anos para Sarney. Enquanto isso, Eraldo Tinoco (PFL), da Igreja Batista, e Milton Barbosa (PMDB), da Assembléia de Deus - envolvido há três anos no desvio de verbas da Fundação Educar e que integrou o Centrão -, apóiam a candidatura do ex-mi-

nistro Antonio Carlos Magalhães, um dos expoentes da extrema-direita no Brasil.

Aqui, eles contam ainda com o deputado estadual Gérson Gomes (PFL), afastado da Igreja Assembléia de Deus por "conduta irregular" e reintegrado em 1986, e com os vereadores Álvaro Martins (PRN) - Igreja Batista do Caminho das Árvores -, Jonas Alves - Assembléia de Deus -, Domingos Bonifácio (PDC) - Igreja Universal - e Pedro Melo (PDC) - Assembléia de Deus. A marca deles é o clientelismo e a corrupção. Para ludibriar seus seguidores, eles inventam de tudo. Para

Arquivo

o bispo Edir Macedo, "foi Deus quem indicou Collor" para governar o Brasil. Teria sido Deus, também, o autor do plano de arrocho salarial e entrega do país ao capital estrangeiro? Com a resposta, os crentes brasileiros de todas as crenças.

"Foi Deus quem indicou Collor", diz o pastor Edir Macedo, do Rio

Na opinião dele, os brasileiros não devem discordar das determinações do presidente da República. "Se o presidente fala algo, ele está dizendo o que é certo", conclui. Assim, não há inflação no Brasil e muito menos perdas salariais para os trabalhadores.

Em entrevista concedida ao JB, Marisa Soares, pesquisadora do Instituto de Estudos da Religião (ISER) do Rio de Janeiro, destaca que "a perseguição às religiões africanas, ao lado da intervenção em processos eleitorais, é a marca de algumas igrejas pentecostais". Segundo ela, a "missão delas é salvar o espírito dos homens em todos os lugares. Na política e na religião, todos os que não pensam segundo suas cartilhas estão possuídos pelo demônio e precisam ser convertidos".

No programa das igrejas pentecostais, o ataque às religiões africanas

A pesquisadora diz ainda que os pentecostais sempre tiveram deputados. Faziam parte do chaguismo, no Rio. "Com Brizola, perderam espaço, mas estão se reagrupando em torno da figura do presidente (Collor) e podem ter êxito eleitoral, graças ao fanatismo, ao crescimento na mídia e à crise econômica."

Este é o retrato de um país em crise, no fundo do poço, que precisa de um novo projeto de governo. Em síntese, o capitalismo - cantado e decantado pela mídia do nosso tempo - não cessa a sua agonia. E logo, logo, não terá nem mais o céu como promessa.

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois Colaborador da Classe na Bahia

O progresso na Albânia em 1989

Quando notícia as mudanças que estão ocorrendo na Albânia, a imprensa burguesa faz questão de combiná-la com uma prentensa "crise econômica e social", inclusive falando sobre "desemprego" e queda da produção. Entretanto, nada disto corresponde ao que está ocorrendo na Albânia.

No ano passado, 1989, conforme informações divulgadas pela revista "Albânia hoje", o produto social cresceu em 6% sobre 1988, "a renda nacional subiu 10%, a produção industrial global 5,6%, a agricultura cerca de 9% e os rendimentos reais *per capita* na cidade aumentaram em 2% enquanto no campo se elevaram em 4,6%", esclarece o articulista da revista Niko Gjyzari.

Desde a revolução de 1944, observa Gjyzari, o país tem experimentado um crescimento econômico sempre "a ritmos mais rápidos que o crescimento demográfico". Por exemplo, "hoje do subsolo se extrem e se elaboraram 8 a 9 milhões de toneladas de minerais e combustíveis frente aos 1,7 milhão de toneladas que se extraíam e elaboravam em 1960."

Há mais de 10 anos "que nossa agricultura moderna e coletiva satisfaz totalmente às necessidades em cereais de planificação e garante mais de 85% da alimentação do povo". Sobre a base deste desenvolvimento "durante os anos do poder popular nosso país não conheceu estancamento, crise, alta de preços ou carestia de vida". Ele observa, ainda, que "em comparação com 1989, em 1990 o produto social aumentará cerca de 7,9%, a renda nacional 8,2%, os rendimentos reais por habitan-



A indústria albanesa tem crescido e se modernizado

tes 3-4%, etc. Sobre a base do incremento prioritário da produção a ritmos 3-4 vezes mais rápidos que o incremento demográfico (note-se que a Albânia

tem a mais alta taxa de crescimento demográfico de toda a Europa), o consumo *per capita* de artigos básicos se incrementará ainda mais."

A irrisória proposta de Bush

Eis que Bush descobre a América Latina e propõe um plano de integração econômica "de toda a América". Uma proposta que parece séria e que, com efeito, ganhou grande repercussão na imprensa nacional. Mas não é lá grande coisa.

Porém, antes de falar mais pormenorizadamente da proposta é interessante saber seus motivos. Não por acaso, ela ocorreu pouco depois de uma reunião dos líderes da Comunidade Econômica Européia, onde ficou patente o esvaziamento do poder mundial dos Estados Unidos.

O imperialismo ianque procura se proteger, e preservar áreas, tendo em conta especialmente o crescimento da influência de outras potências — e, neste caso, especialmente o Japão. Esta é a história, Mas os Estados Unidos podem pouco, hoje, do ponto de vista econômico.

O grande império não só carece de capacidade de investimento no exterior, como, além disto, tornou-se uma economia fundamentalmente dependente de investimentos externos, sugando boa parte do capital excedente em disponibilidade no mundo — particularmente do Japão e da Alemanha.

Isto faz dos EUA um propagador de misérias e de blefes, como ficou claro no badalado plano anunciado por Bush. Em recente artigo na "Folha de São Paulo", os economistas Arno Meyer e Nogueira Batista Júnior captaram parcialmente o dilema do gigante norte-americano observando que mesmo se houvesse a edificante preocupação do país em "ajudar" a América Latina, esta esbarraria nos "desequilíbrios internos e externos da economia norte-americana" que "dificultam a mobilização de suporte financeiro aos programas de estabilização e reconstrução dos principais países latino-americanos. O go-

verno dos EUA enfrenta há vários anos, e sem muito sucesso, pesados déficits no balanço de pagamento e no orçamento público federal. Este último acusou significativo agravamento no passado recente..."

Por isto, o que propõe é futilidade: "O montante de recursos mencionado até agora" para resolver o dramático problema do endividamento latino-americano "é simplesmente irrisório: 100 milhões de dólares dos EUA por ano, além de 200 milhões de dólares anuais a serem solicitados à Europa e ao Japão. Os US\$ 100 milhões prometidos pelo governo americano para toda a América Latina corresponde a 3% do valor de uma única operação do empréstimo à União Soviética, garantida pelo governo alemão na semana anterior. A nova contribuição americana equivalente também a apenas cerca de 1% da carga líquida de juros devida anualmente pelo Brasil."

Vitórias na Etiópia

A Frente Democrática Revolucionária dos Povos da Etiópia, dirigida pelos marxistas-leninistas da região, trava há tempos uma dura, heróica, e armada, luta contra o governo reacionário de Mengistu, inicialmente apoiado pelo revisionismo soviético e agora também por Israel. Várias áreas do país já foram libertadas pela frente, que recentemente também computou uma grande vitória contra as forças armadas mobilizadas pelo atual governo etíope, que empreendeu uma ofensiva contra as conquistas da frente, dias após, mobilizando dezenas de milhares de soldados, mas não obteve sucesso. A Classe reproduz um comunicado da Frente Democrática Revolucionária sobre a vitória obtida no dia 22 de maio.

"Em 22 de maio de 90 as forças da Frente Democrática Revolucionária dos Povos da Etiópia conquistaram uma espetacular vitória sobre a 102ª divisão do exército etíope. O fato ocorreu no Norte da província de Showa a cerca de 130 quilômetros de Adisabeba. Não é a primeira vez que esta 102ª divisão é destruída. O mesmo já tinha ocorrido no fim do ano passado em Kobo. Depois ela foi reconstituída com novos recrutas treinados pelos israelenses.

"Durante a batalha as forças da Frente Democrática Revolucionária capturaram tanques, caminhões equipados com canhões antiaéreos e diversos tipos de armas leves. Mil e quatrocentos soldados do exército antipopular

de Mengistu foram mortos e mais de 2000 foram presos. Entre eles, numerosos oficiais, como o comandante em chefe das operações da 102ª divisão, o responsável pela guarda de Mengistu e o chefe dos batalhões de brindados.

"Este comunicado confirma diversas informações publicadas na grande imprensa e que indicam o crescente isolamento do regime fascista do Derg, interna e externamente. Atualmente, é o Estado de Israel que envia seus mercenários para lutar contra os marxistas-leninistas e revolucionários etíopes e contra os nacionalistas eritreus. Quanto à França, de um lado ela promete, por intermédio de Keuchner uma ajuda alimentar às populações do Tigré, do Welle e da Eritreia, de outro lado ela faz transitar na Etiópia as tropas acantonadas no Djibouti que, com 3600 homens, é a mais importante base francesa na África.

"Este ano a seca atingiu de novo o Norte da Etiópia. Anteriormente, Mengistu e sua camarilha utilizaram a arma alimentar e a fome como pretexto para depertar as populações ao Sul e desviar a ajuda alimentar. O restante ele destruiu.

"Hoje, se os Migs etíopes podem destruir e incendiar com napal as cargas de trigo desembarcadas nas costas da Eritreia, o Derg não tem os meios de interceptar os comboios provenientes do Sudã, o que é uma prova suplementar de seu enfraquecimento no plano militar. A frente se aproxima da capital Adisabeba, onde a população não aceita mais os massacres organizados pelo poder entre a juventude a fim de alistar forças e tapar os buracos causados pelos mortos, feridos e desertores. Em Adisabeba a guerra de libertação não está longe."

A fibra de Mandela

Nelson Mandela, o líder do Congresso Nacional Africano (CNA) que sobreviveu 27 anos numa prisão do regime racista da África do Sul, dedicou as últimas semanas a uma visita aos Estados Unidos, Irlanda e Inglaterra. E sem dúvida causou alguns desconfortos aos que dele esperavam um comportamento cordato e palatável do sabor burguês, neste sentido decepcionado e causando comentários irritados na chamada grande imprensa. Mandela não apenas mais uma vez evidenciou sua comprovada coragem e grande estatura moral, como ainda mostrou representar fibra revolucionária e uma consciência afinada com a luta dos oprimidos não só da África do Sul como de todo o mundo — esquentada com os interesses progressis-

tas da humanidade. Para desespero dos políticos conservadores e reacionários, e particularmente dos contrarrevolucionários acantonados em Miami, elogiou o líder cubano Fidel Castro, a quem considerou como defensor da liberdade e dos direitos humanos, aborreceu os sionistas (muito influentes nos EUA), falando sobre Yasser Arafat, dirigente da OLP ("Estamos na mesma trincheira, lutando contra os mesmos inimigos — os regimes gêmeos da Pretória e Telaviv, apartheid, racismo, colonialismo e neocolonialismo". Na Inglaterra, Mandela censurou a forma com que o governo trata a luta revolucionária do IRA, apelando pelos direitos do povo irlandês, deixando os conservadores em má situação.

A explicação albanesa sobre a ocupação das embaixadas

Na noite do dia 2 de julho, em Tirana, por volta das 22 horas, entre 300 a 400 pessoas tentaram ocupar as embaixadas estrangeiras, argumentando que pretendiam abandonar a Albânia. No dia seguinte, também à noite, em torno das 22h30m, foi atirada uma bomba de fabricação caseira sobre o jardim da embaixada de Cuba em Tirana. Dois acontecimentos interligados que até o fechamento desta edição ainda não estavam completamente esclarecidos, mas que ocorrem poucos dias após a aprovação de uma lei garantindo a todos os cidadãos albaneses o direito de viajar para o exterior, por motivos familiares ou quaisquer outros.

Conforme um comentário feito pela TV albanesa, reproduzido pela ATA (agência telegráfica do país), os acontecimentos foram particularmente revoltantes "porque toda a nossa sociedade trabalha e luta para colocar em prática as importantes decisões dos 9º e 10º plenos do CC do Partido do Trabalho da Albânia e as medidas definidas segundo seu espírito na última sessão da Assembléia Popular."

"O objetivo", conforme o comentarista, "é claro. Através desta ação visa-se quebrar a atmosfera da vida do país, que se tornou ainda mais dinâmica com o incessante processo de democratização e interromper este processo, que goza do apoio de todo o povo."

"Tais comportamentos e ações prejudiciais", prossegue, "buscam sabotar a lei aprovada pela Assembléia Popular, segundo a qual nossos cidadãos podem viajar livremente, com passaportes, para fora do país a fim de visitar familiares ou por outras necessidades. Simultaneamente tais ações atingem os interesses de nossos cidadãos honrados que receberam esta lei com uma satisfação especial. Há outro objetivo embutido nisto: obscurecer o nome e o respeito crescente que nossa pátria desfruta nos meios internacionais, assim como prejudicar as relações amistosas com outros povos e Estados, as quais cada vez mais estão se fortalecendo."

O comentarista chama a atenção para as responsabilidades das organizações de massas, assim como organizações das frentes nos bairros no esclarecimento do problema, "ao passo que os órgãos do poder devem aplicar corretamente as leis e normas estabelecidas". "Os nossos trabalhadores, em todas as partes do país, mobilizados no

trabalho construtivo e que assumiram o compromisso de realizar grandes tarefas, confiantes no caminho pelo qual marchamos, não permitirão a quem

quer que seja, independentemente da intenção, que se afastem do caminho que eles próprios escolheram. Nosso povo não fica indiferente quando são atingidos os interesses da pátria, quando é atingido o seu poder, quando é ameaçada a sua vida livre e soberana. Em completa unidade e com as fileiras cerradas em torno do partido, com o camarada Ramiz Alia à frente, o povo albanês marchará seguro adiante, sem temer ninguém."

Quanto ao atentado contra a embaixada cubana na capital da Albânia, o despacho da ATA, intitulado "Um vil ato terrorista", é o seguinte: "Ontem, dia 3, em torno das 22h30m, foi atirada uma bomba de fabricação rudimentar no jardim da embaixada de Cuba em Tirana. Felizmente não houve danos pessoais além da quebra de algumas vidraças e outras pequenas avarias no prédio. Trata-se de um vil ato terrorista, que visa prejudicar as excelentes relações existentes entre Albânia e Cuba. O Ministério das Relações Exteriores da RPSA, ao apresentar à embaixada de Cuba seu repúdio ao ato, assegurou que todos os esforços serão feitos para descobrir os culpados e que serão tomadas medidas defensivas a fim de garantir a segurança da sede da embaixada e do seu pessoal.

"Este ato abominável não pode deixar de criar indignação e revoltar o nosso povo, que vê nele uma ligação direta com os fatos ocorridos no dia 2 diante das embaixadas estrangeiras na capital."



A Iugoslávia se desintegra: Kosovo e Eslovênia declaram independência

Embora com o Parlamento fechado pela polícia, os parlamentares de Kosovo, província de maioria albanesa na Iugoslávia, proclamou no dia 2 de julho a independência da região e seu status de república, reclamado pela população. No mesmo dia, o governo da Eslovênia, uma das repúblicas mais prósperas da Iugoslávia, declarou independência, conforme informações da agência oficial de notícias iugoslava.

Os dois atos refletem a precária situação do país, assolado por uma crônica crise econômica e financeira, cujas raízes se encontram no excessivo endividamento externo e que se manifesta em indicadores econômicos assustadores de desemprego, por exemplo, que alcança quase 20% da população economicamente ativa, inflação elevadíssima (das mais altas de todo o Leste europeu) e desemprego econômico - uma eventual estagnação que atravessou toda a década passada e ainda perdura.

Os conflitos entre as nacionalidades, antigos, radicalizaram-se em função da crise e da reação autoritária e reacionária da Sérvia, república predominante. A desagregação do país já é um fato, que os atuais dirigentes iugoslavos buscam contornar com a repressão.

ERRATA

Por um lamentável erro gráfico, o artigo intitulado "Gorbachev cada vez mais isolado", publicado na sessão internacional da última edição deste jornal, página 7, saiu completamente truncado.

Os parágrafos do bloco intitulado "Um partido que promete" correspondem, na verdade, à introdução da matéria principal, que por sua vez foi indevidamente ocupada pelas informações concernentes ao box.

Desta forma, ao título "Um partido que promete" corresponde ao trecho que dá conta da organização, em janeiro deste ano, de uma tendência no interior do PCUS, liderada pela professora Nina Andreieva, que segundo informações das agências internacionais denomina-se "Partido Comunista Russo no PC", algo bem diferente do PC da Rússia, reconstruído no dia 19 de junho em Moscou.

Um brasileiro na Albânia

O que deu errado no socialismo?

Bernardo Joffily

Agora que o retrocesso capitalista chega ao seu epílogo na Europa Oriental, os albaneses voltam a se debruçar sobre ele com a meticulosidade do médico que realiza uma autópsia. Há trinta anos eles denunciavam a traição revisionista naqueles países, mas não se contentam com isso. Querem extrair da experiência negativa de seus vizinhos do Leste a resposta para uma indagação crucial: o que foi que deu errado no socialismo?

Análise concreta da situação concreta

Aqui não bastam as simples proclamações de felicidade aos princípios do marxismo-leninismo. É necessário praticar o marxismo, ou seja, a análise concreta da situação concreta. É necessário desvendar os processos econômicos, políticos e ideológicos que possibilitaram a restauração burguesa, não através da agressão estrangeira, nem por obra de um processo degenerativo nascido de dentro da própria sociedade socialista.

Os albaneses, partido e povo, têm consciência da importância dessa resposta, para os destinos da Albânia e para a própria sorte do movimento internacional pela emancipação dos trabalhadores.

Os trabalhadores têm que controlar tudo

No plano político, chama a atenção a reduzida resistência das massas trabalhadoras e dos militantes comunistas frente à traição revisionista nos países do Leste. Os burocratas encastelados no poder agiram ao seu bel-prazer durante um longo período, até que seus regimes, caindo de podre, se espatifaram da noite para o dia.

Estive na Romênia e ali, sobretudo, espantei-me com a passividade do povo, até dezembro passado, diante da tirania burocrática e paranoica de Ceaucesco. Mas também na URSS dos anos 50, Krushev fez o que fez sem encontrar a resposta merecida. Havia se instalado ali uma tradição nociva, em que a direção decidia tudo enquanto a base partidária e o povo acatavam o que vinha de cima. Quando a tradição mudou de rumo, não havia vigilância para impedir que a tragédia se consumasse.

O sentido das transformações políticas em curso na Albânia é precisamente esse: prevenir o perigo da burocratização e da degenerescência através do seu contrário, que é a mais ampla participação das massas trabalhadoras na direção e no controle dos assuntos de governo.

O grande antídoto contra a degeneração

Tomemos as mudanças deste ano na vida política albanesa: reuniões das bases do PTA abertas aos cidadãos sem partido; eleições secretas, com várias candidaturas, para todos os cargos de direção do partido, do Estado, da economia, das organizações de massas, etc.; rotatividade dos dirigentes, com o estabelecimento de prazos-limite para sua permanência nos cargos; descentralização da competência para decidir; re-vigoramento do controle operário e camponês. Numa palavra, todas elas visam a maior participação das massas no governo. É este o grande antídoto contra a degeneração capitalista.

Nesse sentido, por trás das aparências, temos dois processos de democratização que caminham em direções opostas. No Leste, a liberdade que existe é, em essência, liberdade para os anti-socialistas declarados ou disfarçados consagrarem e consolidarem sua alternativa. Enquanto na Albânia a "democratização sempre maior", como se diz por lá, significa mais liberdade para as grandes massas de operários, camponeses cooperativistas e intelectuais assumirem pessoalmente a construção socialista e cortarem pela raiz qualquer tentativa de restauração.

Triste futebol, mendigo e vadio

Claudio Vladimir

No momento em que fechávamos esta edição estavam sendo definidos os finalistas da Copa do Mundo - Argentina e Alemanha. Uma surpresa. Infelizmente, quando esta edição estiver circulando já será conhecido o campeão (a final é neste dia 8). Por isso, comentamos neste artigo apenas o tristonho desempenho do Brasil nos gramados italianos. Na próxima edição, encerrando a série "Copa com Classe", faremos um balanço do mundial.

Está lá, com todas as letras, no alto da coluna da esquerda da página 1016 da 2ª edição do Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa, do mestre Aurélio Buarque de Holanda: "Lazaroni - mendigo de Nápoles; mendigo, vadio". Nada como a densidade da língua portuguesa para encontrar tão precisa definição para o futebol que a seleção brasileira apresentou nos gramados italianos. Se o garoto propaganda da Pepsi-Cola e da Fiat, que nas horas vagas se fazia passar por técnico da "esquadra brasileira", está milionário depois dos dólares que arrecadou nos comerciais que encenou, o futebol que ele obrigou a seleção a jogar na Itália se enquadra como uma luva na definição de mestre Aurélio. Foi um futebol mendigo, pobre, indigente.

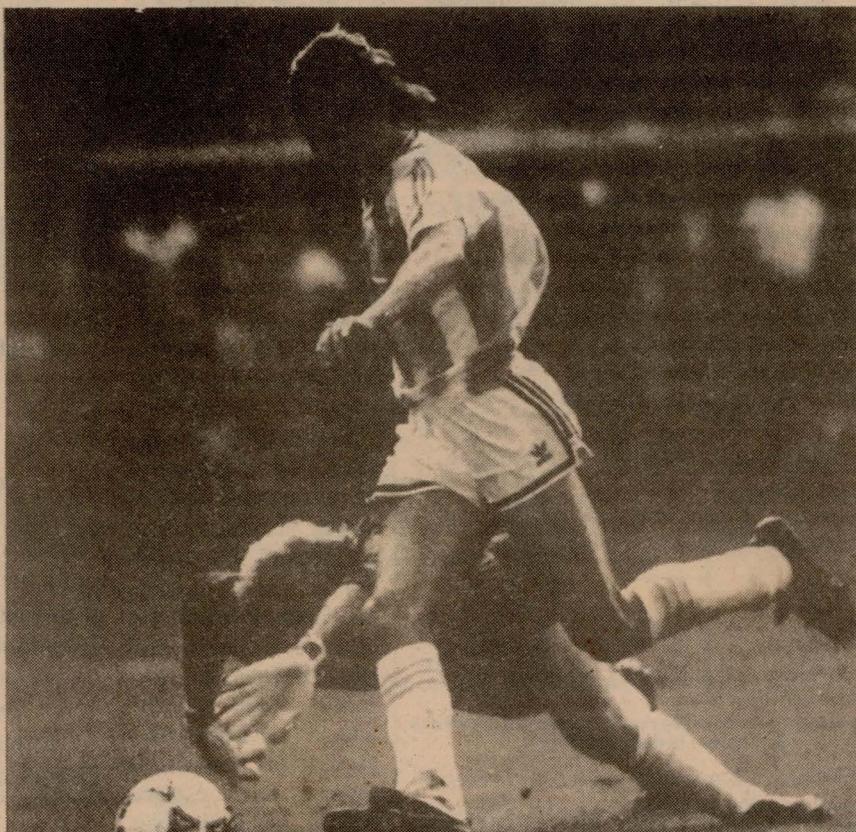
A desclassificação não foi nenhuma surpresa. Previmos meses antes

Para nós a desclassificação da seleção brasileira nas Oitavas-de-Final não foi nenhuma surpresa. Desde que inauguramos a coluna "Copa com Clas-

se", há meses, alertávamos para esse risco, apontando com precisão dialética as falhas, as debilidades e os equívocos do time de Lazaroni. O gol de Caniggia, aos 37 minutos do 2º tempo, que nos tirou da Copa, veio apenas confirmar as nossas observações. Bastaram alguns segundos de talento do genial Maradona para desmontar um ano de trabalho do falastrão e teimoso Lazaroni.

Era evidente para qualquer torcedor que o esquema tático da seleção brasileira poderia até ganhar uma Copa de baixo nível técnico como esta que chega ao fim, mas isso só aconteceria por mero acaso. Acaso que, aliás, colocou a Argentina na semi-final depois de derrubar o Brasil, sem merecer, e passar aos trancos e barrancos pela Iugoslávia, também sem merecer. A diferença é que os argentinos têm Maradona e nós temos Dunga, um jogador mediano que foi eleito por Lazaroni e pelas aves de rapina da imprensa esportiva, principalmente a carioca (desculpem os cariocas, mas é a pura verdade), como o símbolo maior do futebol brasileiro.

Não poderia mesmo ser diferente. O Brasil levou para a Itália um futebol indigente, covarde, defensivo. Uma verdadeira traição à tradição do futebol brasileiro, que sempre que conquistou Copas do Mundo o fez com base no talento, na arte, na criatividade, na picardia, na coragem e na ousadia de nossos verdadeiros craques. Ao abrir



Caniggia dribla Taffarel e marca o gol da vitória argentina sobre o Brasil. A quinta frustração consecutiva em copas do mundo

mão da característica nacional do nosso futebol - o ataque - Lazaroni e seus cupinchas transformaram nosso time numa cópia mal-feita das melhores seleções européias.

E aí, deu no que deu. Um time medroso, covarde, cuja filosofia era não perder para depois tentar ganhar. O festival de besteiras que assolou o país, vindo da Itália, faria corar o nosso Stanislau Ponte Preta. Toques para o lado, chutes a esmo, atacantes isolados, sem ter quem armasse as jogadas e tudo aquilo que falamos nestas pági-

nas durante meses. Jogar contra a Escócia e a Costa Rica com medo de ir ao ataque foi um crime que não pode ficar impune. Manter dois atacantes contra a Argentina, ao invés de partir pra



Lazaroni implantou um futebol indigente

cima com três e tentar ganhar um jogo que estava ganhando foi pior. Foi burrice e teimosia.

A derrota nos traz a lição de que devemos resgatar o futebol-arte e ofensivo

Alguns me acusaram de passionalismo, de regionalismo. Pura bobagem. Até mestre Armando Nogueira, cidadão carioca de primeira linha, já admitia que Neto, Geovani e João Paulo estavam fazendo falta nessa Copa. O carioquíssimo Luiz Mendes, da TVE,

também disse, várias vezes, que esta era a Copa para um craque do talento e da irreverência de Neto. Todos nós pregamos no deserto. Lazaroni fechou seu grupo ainda antes da Copa América, na Bahia, fez um pacto com os seus eleitos, prometendo-lhes dólares, fama, contratos milionários na Europa e fechou os olhos para o que acontecia no Brasil. Deu no que deu. A pior campanha do Brasil em Copas depois de 1966.

A derrota na Itália nos traz, apesar de tudo, importantes lições. A primeira delas é que não podemos nunca mais desprezar a identidade nacional do futebol, ou seja, a seleção brasileira tem que ser ofensiva. Tem, também, que ter alguém de talento acima da média que possa armar uma jogada que desmonte os esquemas defensivos dos adversários. Como faziam Didi, Pelé, Tostão, Sócrates e Zico. Como faz Neto, que ficou tomando cerveja em Campinas, enquanto Dunga corria atrás dos seus fantasmas e deixou Maradona passar por ele para lançar Caniggia, com um covarde respeito.

Além disso, outra lição deve ser assimilada com humildade. A seleção brasileira precisa de um técnico, que saiba do que está falando. Acabou a fase dos professores de educação física e dos teóricos de almanaque. O técnico da seleção para a Copa de 1994 precisa ser, desde agora, um ex-jogador de futebol que, além de armar o time, possa mostrar na prática como se faz um lançamento, como se cruza uma bola, como se chuta de sem-pulo para, pelo menos, acertar no gol. Por isso, lance desde já o nome do meu candidato para o cargo: Paulo Roberto Falcão. Chega de embusteiros da fala empolada e idéias exóticas.

Finalmente, outra lição precisa ser aprendida. Está na hora de valorizarmos a prata da casa. É preciso montar desde já a base da seleção de 94 com jogadores que joguem e vivam no Brasil. Quem quiser ganhar os seus dólares na Europa que vá. Mas vá sabendo que só terá lugar na seleção se for mesmo fora de série na sua posição. A balela da experiência profissional européia provou que só vale mesmo na hora de brigar por mais dólares, como fizeram Dunga, Careca, Alemão, Ricardo Gomes e seus amiguinhos "europeus". Como fez, aliás, covardemente Lazaroni, que na hora de enfrentar o povão brasileiro, esqueceu sua tese do "grupo fechado" e fugiu pela porta dos fundos. Já vai tarde, Lazaroni. Vai ser doleiro na Itália levando o Dunga pela coleira. Nós aqui vamos redescobrir a arte de jogar futebol, como fizeram na Itália os nossos irmãos de Camarões. Viva Milão viva o futebol-arte!

Nosso colunista estava certo

A *Classe*, dentro do seu objetivo editorial de ser abrangente na informação e interpretação da realidade, e de opinar com segurança sobre os assuntos que polarizam as atenções da opinião pública, editou durante meses a coluna "Copa com Classe". Através dela o colunista Claudio Vladimir manifestou sua opinião sobre os preparativos da seleção brasileira, as concepções do técnico Sebastião Lazaroni, analisou a lista dos convocados, comentou os amistosos realizados. Não se eximiu de, a par da torcida pelo nosso esporte, porque também somos contagiados pela mesma paixão ao futebol que contagia o povo brasileiro, expender uma opinião objetiva.

Estava na cara que o esque-

ma tático adotado desde antes da Copa América, passando pelos amistosos, as eliminatórias, os preparativos derradeiros e, finalmente, na hora da verdade quando adentra nos gramados da Itália, estava errado. É pior: desnaturava o futebol brasileiro. E que a este esquema tático errado correspondia um elenco que não contemplava o que há de mais representativo no futebol brasileiro atual.

A nosso ver, o erro básico, responsável pela frustração de Turim, a quinta consecutiva depois da inapagável glória de 1970 no México, foi a concepção defensivista (e nós, políticos revolucionários, sabemos quanto o defensivismo é um mal em tudo na vida), a tendência a desen-

volver um jogo passivo, burocrático, ensaiado, micrometrado, em tudo avesso à tradição não só do futebol como da índole do povo brasileiro.

Por isso, muito mais que as declarações monocórdicas de Sebastião Lazaroni durante a triste passagem de seu time na Itália, fica marcada no meu espírito a recordação de um diálogo com meu filho durante o jogo fatal com a Argentina. O locutor, entusiasmado, elogiava uma jogada ensaiada do "ataque" da seleção, e dizia que pintava o gol da nossa classificação. Com sua inocência, o menino declarou:

- Pai, jogada ensaiada não adianta nada. Futebol é arte.

Por isso, Claudio Vladimir estava certo. (J.R.C.)

Em busca da epopéia

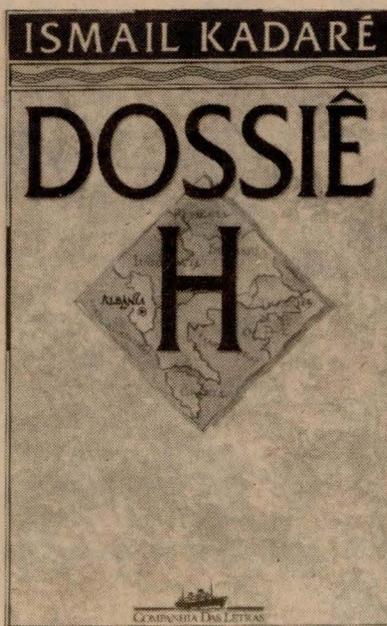
Luís Manfredini*

Pela primeira vez é publicado no Brasil, a partir de uma tradução do francês, um romance do escritor albanês Ismail Kadaré, considerado pela imprensa europeia uma das maiores expressões literárias contemporâneas. A seguir, um comentário sobre o livro - "Dossiê H" - e na página 24 a reprodução de um fragmento.

Não fosse a iniciativa da Companhia das Letras de editar no Brasil a obra do albanês Ismail Kadaré (começou no mês passado, com a publicação de "Dossiê H" e promete, para o ano que vem, lançar "O concerto" e "Abril despedaçado"), o leitor brasileiro provavelmente continuaria ignorando um dos mais expressivos escritores da Europa contemporânea, ou então buscando, como sempre fizeram os mais aficionados, em exaustivas (e quase sempre vãs) peregrinações por sebos, os dois únicos livros de Kadaré que apontaram por aqui, já faz algum tempo, em traduções de editoras portuguesas falidas ("O general do exército morto" e "Tambores da chuva").

Best-seller

Luiz Schwarcz, editor da Companhia das Letras, me disse quando conversamos, em princípios de abril, que tinha a intenção de "transformar o Kadaré num best-seller no Brasil". Não lhe falta ousadia para tando, e o prova a arrojada pauta dos seus lançamentos. Mas Schwarcz tem a seu favor especialmente o fato de que Ismail Kadaré é um grande escritor, festejado pela crítica europeia - até mesmo por aquela de extração mais conservadora - como a grande revelação literária da atualidade (o que chegou a lhe proporcionar cogitações para o Prêmio Nobel). No Brasil, a mídia, habitualmente tão avessa às coisas da pequena Albânia - e quantas vezes mordaz e furibunda - verga-se ao indiscutível talento de Kadaré e cumula seu "Dossiê H" com os mais rasgados elogios. Romance "ágil e desconcertante", garante o crítico da "Folha de S. Paulo", "... inventivo e espirituoso, 'Dossiê H'



se faz pela farsa, pelo humor e até por uma certa picardia. É absolutamente sedutor..." , sentencia o de "Estado de S. Paulo".

Poesia épica

A história nos remete a meados dos anos 30, quando dois pesquisadores irlandeses que moram nos Estados Unidos - Willy Norton

e Max Roth - aportam em N., cidadezinha modorrenta e fustigada pelo inclemente inverno alpino da Albânia setentrional, próxima à fronteira com a região de Kossovo, na Iugoslávia. Pretendiam desvendar o mistério da "Ilíada" e da "Odisséia", obras atribuídas ao grego Homero. As indagações dos estudiosos são várias, desde se Homero foi realmente o autor dos dois poemas (ou fez apenas o papel de redador) até questões da técnica da poesia épica. Imaginaram obter respostas com base numa pesquisa de campo no norte da Albânia, onde ainda estavam presentes remanescentes da epopéia albanesa, os últimos rapsodos do mundo. Mas as autoridades do reino de Zog I suspeitaram que ambos eram, na verdade, espíões, até porque carregavam consigo estranho aparelho - o magnetofônio - capaz de gravar e reproduzir a voz humana, numerosos apontamentos e circunstanciados mapas da região. A trama então se desenvolve a partir do trabalho dos irlandeses, do impacto que causam na minúscula cidade interiorana (onde provocam, além do falatório geral, perturbações eróticas na primeira-dama) e da tenaz disposição do prefeito de flagrar os supostos espíões com a boca na botija. A saborosa narrativa de Kadaré - direta, simples, harmoniosa, fecunda - se compõe, além da intervenção do autor para costurar os vários segmentos do enredo, das anotações de Norton e Roth (uma espécie de diário desde as vésperas da viagem, ainda nos

Estados Unidos) capturadas por um agente secreto e dos cômicos relatos que este último produz e endereça ao ávido prefeito. Os irlandeses avançam em seu trabalho, mas não conseguem evitar o envolvimento com as disputas entre albaneses e iugoslavos em torno da criação da poesia épica regional, o que conduz o livro a um final inimaginado.

Denso e divertido

"Dossiê H" é denso - as anotações e os diálogos de Norton e Roth vasculham os impasses homéricos, a estrutura da composição épica (a oralidade, o esquecimento, o olhar e ouvir) e o melancólico ocaso dos rapsodos albaneses - e divertido com suas nuances de espionagem e erotismo. Particularmente os relatórios do agente Dul Lasoupeute, que provocam orgasmos estéticos no prefeito (e que ele reproduz, como seus, para manter e aumentar seu prestígio diante do poderoso ministro do Interior) são peças do melhor humor. Prestimoso, Dul reporta suas dificuldades em captar o diálogo dos irlandeses, do seu posto de observação. No forro do quarto dos estrangeiros. "De vez em quando trocaram em sua língua", expõe Kadaré, "algumas palavras que o espião não entendeu de jeito nenhum, e não porque determinado número dessas palavras foram proferidas pelos dois suspeitos enquanto escovavam os dentes (como o senhor prefeito devia saber, o agente era capaz de distinguir as palavras pronunciadas por um indivíduo que tivesse na boca não só uma escova de dentes, como qualquer outro objeto, cachimbo, charuto etc., até mesmo, no caso de Maria K..., que durante seus embates amorosos tinha o hábito, ou melhor, o vício, de conservar na boca - o senhor prefeito queira desculpá-lo - um órgão que ele não ousaria nomear no presente relatório...)". "... Dul Lasoupeute era o único espião de todo o norte do reino que tinha condições de distinguir em seu trabalho a fala de um indivíduo acometido por apoplexia...". "... se não tinha compreendido nada do diálogo entre os dois suspeitos, não era porque estes falaram principalmente com a escova de dentes na boca, mas pela simples e boa razão de que toda a conversa teve lugar em inglês, idioma que, o senhor prefeito fora avisado, o informante ignorava".

"Dossiê H" é assim, alegre, irônico, fluente, imaginoso, produzido por um escritor de envergadura familiarizado com uma linguagem do mais alto nível, que se lê de uma sentada e faz jus ao retumbante sucesso que teve a partir do seu lançamento na Albânia em 1982. Jornalista e escritor, colaborador da *Grabois*

Defesa da liberdade de escrever

Comunista que aplaude o contínuo aperfeiçoamento do socialismo ("O socialismo, como todas as coisas, está sempre mudando"). E, assim, apóia o processo de reformas implementado pelo PTA na atualidade. Escritor que não poupa críticas à chamada literatura oficial ("inaceitável no socialismo"), à mediocridade e ao esquematismo. Assim é Ismail Kadaré, 53, nascido em Gjirokastra, no sul da Albânia, um homem que tanto pode se apresentar loquaz e espirituoso, quanto circunspeto e indiferente.

"Penso que um escritor deve saber ser atento e também deve saber não dar muita atenção. Deve ouvir as pessoas falarem e, ao mesmo tempo, abstrair-se, estar surdo", explica. Nos últimos 20 anos ele se tornou verdadeiro herói nacional na Albânia, cujos livros - mais de 15, entre romances, ensaios e poesias, traduzidos para cerca de 30 países - esgotam-se nas livrarias tão logo publicados, e nunca o são em quantidades inferiores a 100 mil exemplares.

Deputado à Assembleia popular, vice-presidente da Frente Democrática da Albânia, é a condição de escritor que melhor apresenta Kadaré. "Sou escritor, e basta, já é um grande fardo", diz ele, a quem a extensa notoriedade nacional e internacional não impediu que continue morando com a mulher e duas filhas numa modesta casa em Tirana e entregue a maior parte dos polpidos recursos amealhados com direitos autorais ao fundo da Liga dos escritores e artistas, um fundo utilizado para financiar o trabalho dos seus membros, no que é conhecido na Albânia como a "licença de criação". Mas não deixa de ir todos os anos a Paris, que ele considera sua "segunda cidade natal".

Kadaré sobretudo desconcerta os que habitualmente torcem o nariz diante da pequena Albânia, ruminando desprezo e preconceitos. Seus amplos horizontes intelectuais, as largas fronteiras de sua mentalidade contemporânea deitam por terra o carrossel de bobagens em que geralmente se transforma o discurso antialbanês e anti-socialista. Kadaré é um escritor pujante, põe fibra e discernimento em seu ofício, a começar pela peremptória condenação do conformismo: "o conformismo é uma particularidade internacional. Pode-se ser conformista na França, em Portugal, na Albânia ou na China. Há conformistas em todos os regimes". Para ele, "é dever do escritor manter sempre a independência, seja qual for o regime", pois "a liberdade

de escrever depende dos escritores. Há escritores que guardam essa liberdade com zelo e há muitos que abrem mão dela facilmente. Depois queixam-se deste ou daquele poder, acusando-o de ter suprimido a liberdade. Penso que não há força no mundo que possa sonegar ao escritor a liberdade de escrever". Kadaré é duro na crítica ao esquematismo, em sua opinião decorrente da postura conformista de muitos escritores: "trata-se de uma deficiência que não deve ser tolerada como



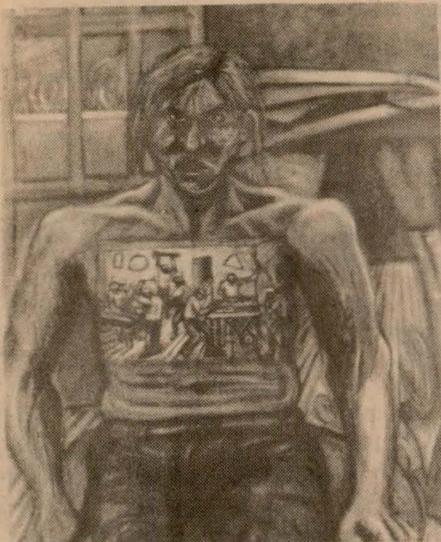
Pierre Augros

pode parecer a alguns que sustentam concepções burocráticas sobre literatura e arte". Para ele, "com sua pobreza, sua falta de vida, o esquematismo cria o indiferentismo nos leitores". Mas assegura que "o vendaval da vida, penetrando em nossos poemas e novelas, varrerá os esquemas como folhas secas e inúteis".

Seu décimo - e último - romance, "O concerto", narrando a ruptura entre a Albânia e a China nos anos 70, foi considerado pela revista "Lire" como o melhor romance saído na França em 1989. Atualmente Kadaré escreve um livro de ensaios sobre a profissão do escritor, que ele tem como "misteriosa, inexplicável, por vezes". Nos ensaios, ele diz, "há alturas em que penso que a explico a mim mesmo, mas acabo por não explicar nada". Além disso Kadaré anda sem vontade de escrever romances. "Também há uma época na vida dos escritores em que são capazes de escrever romances. Depois torna-se mais difícil. É como com as crianças. Há uma época em que todo gente quer ter filhos e depois é mais difícil. É preguiça. Quanto se tem mais de 40 anos não se tem esse desejo facilmente." (Luiz Manfredini)

CDM Centro de Documentação e Memória Fundação Mau Mau

Maravalhas se expõe nas Situações irreversíveis



Operário idiotizado pela alienação capitalista

Nelson Maravalhas Jr., um carioca de 33 anos radicado em Brasília desde 1966, trouxe para São Paulo suas "Situações irreversíveis", exposição que ficou aberta de 7 a 29 de junho na Itaugaleria.

Através de pinturas a óleo sobre tela ou cartão, sempre figurativas, Maravalhas apresentou "visões projetadas do inconsciente, personagens fazendo algo em algum lugar, posições limítrofes ao abismo enlaçando o sujeito-objeto em circunstâncias irreversíveis". Ou, dito de outra forma nos versos de um poema seu:

Maravalhas



Personagens fazendo algo em algum lugar, posições limítrofes ao abismo

Maravalhas

"O Eu só constrange e destrói em situações irreversíveis".

Esta foi a sexta mostra individual de Maravalhas, que tem no seu currículo uma exposição realizada em 1985 na Superior Street Gallery of Chicago (EUA), cidade onde fez mestrado em Pintura e Desenho pela The School of the Art Institute of Chicago. Atualmente é professor no Instituto de Artes da Universidade de Brasília. Sua experiência pedagógica em artes plásticas teve início em 1980 na Escolinha de Artes da UNB. Ainda em Brasília ensinou na Fundação Educacional do DF de 1982 a 1984 e em 1986. Deu aulas também em Chicago no Mundelein College/Hispanic Alliance e na School of the Art Institute.

Entre uma e outra exposição individual ou coletiva, participação em Bienais, Salões de Arte e concursos, atividades que o absorvem intensamente desde 1979, Maravalhas produziu também cenários, máscaras e figurinos para peças teatrais, animações em Super-8 e vídeos experimentais. Fez vários cartazes, ilustrou livros de poesias e editou livros-arte. Mescla seu trabalho de criador e pe-

dagogo com a ação cultural. Fundou e participou ativamente do grupo "Ex Cultura". De 1978 a 1981 fez pinturas e esculturas nas paredes e ruas de Brasília. No ano passado integrou o comitê de artistas da campanha de Lula (Frente Brasil Popular) à presidência da República.

Sua obra a um só tempo projeta a introspecção e o sonho de um artista visionário e reproduz com força a dor diante da catástrofe e do caos do mundo real. (José Teodoro)



A dor diante da catástrofe do mundo real

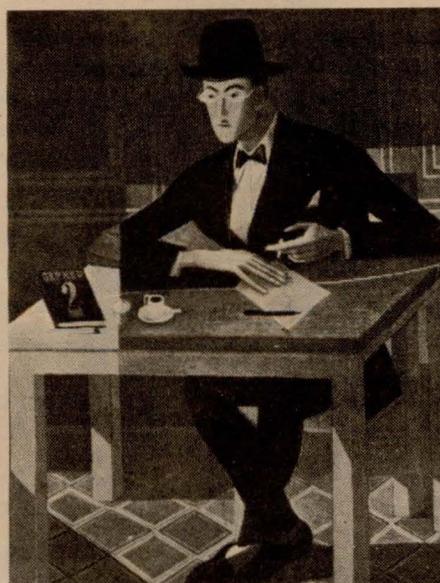
Maravalhas

A poesia ganha uma parede

A poesia acaba de ganhar um prêmio. Não se trata de troféu, cheque nominal ou menção honrosa na academia. É algo mais simples, certamente mais valioso. Apenas uma parede, com a inauguração, na Livraria Arte Pau Brasil, em pleno Bixiga, bairro boêmio de São Paulo, da Parede de Poesia. "O objetivo é expor aventuras poéticas ou preciosidades escritas por poetas que nunca receberam traduções dignas. Vamos divulgar os trabalhos mais instigantes de poetas consagrados pela literatura brasileira e universal e também muita gente nova que não tem espaço porque não interessa aos grandes editores", diz Alonso Alvarez, proprietário da Arte Pau Brasil. A Parede foi durante o mês de junho frequentada por Oswald de Andrade, Manoel de Barros e Fernando Pessoa, que prossegue em julho.

A iniciativa de criar a Parede de Poesia vem colada a outra, da Arte Pau Brasil, na mesma direção - a edição em pequenos livros de obras inéditas ou pouco conhecidas - através da coleção "PTYX", alusão a uma "palavra" inventada pelo poeta Mallarmé para criar uma rima em yx num de seus sonetos.

arquivo



Pessoa frequenta a Parede de Poesia com os "Poemas Franceses"

O primeiro volume da coleção foi lançado em junho - os "Poemas Franceses" de Fernando Pessoa, vertidos para o português pelo professor de Literatura Latino Americana e Teoria Literária na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, poeta e tradutor literário, Amálio Pinheiro. É uma iniciativa pioneira, já que os "Poemas Franceses" nunca foram

traduzidos para o português nem para nenhuma outra língua.

Amálio Pinheiro acha que a iniciativa tem toda a atualidade, não só porque transcorre este ano, em 30 de novembro, o 55º aniversário da morte de Fernando Pessoa, mas também porque cada vez mais se descobrem novidades sobre ele. O poeta e tradutor conta algumas curiosidades sobre esses poemas escritos em francês por Fernando Pessoa: "Muito provavelmente (ainda não está comprovado) estes "Poemas Franceses" revelam mais um heterônimo pessoano - Jean Seul - nome presumido com que o poeta português assinava na imprensa de seu país sátiras e artigos escritos em francês".

Ainda segundo a opinião de Amálio Pinheiro, os "Poemas Franceses" afirmam Fernando Pessoa como um poeta preocupado com a palavra, na medida em que se transferia para ela determinados conflitos reais".

A "aventura" de traduzir Pessoa, principalmente numa obra inédita, é motivo de tensão, esforço e experimentação para qualquer poeta e tradutor. É mais experiente e criativo que seja. Tre-

duzir quer dizer levar para. Inclui um movimento de diferenças. Os maus tradutores querem transferir na íntegra a obra original. Mas o respeito do autor está precisamente no desrespeito, na não tradução literal. É preciso perícia na micrometria poética para saber como passar para o português que se fala atualmente no Brasil todos os jogos sonoros do francês" - diz Amálio Pinheiro. Referindo-se ao lançamento desta tradução dentro do contexto do atual momento literário e poético no país, Amálio comenta: "É um momento de transição em que os grandes mestres estão morrendo, embora a sua poesia ainda esteja viva. Existe uma poesia cujo maior representante morreu recentemente, Paulo Leminsky. Há figuras importantes na poesia visual que une os poetas gráficos dentro do poema verbal. A nova poesia está na convivência dos antigos e dos novos poetas. É difícil, em termos de qualidade, estabelecer parâmetros absolutos". (J.T.)

O livro "Poemas Franceses", de Fernando Pessoa, com 100 páginas e ilustrações, está disponível na livraria Arte Pau Brasil, Rua 3 de Maio, 111 - São Paulo, capital.

Novas sugestões para melhorar a Classe

Depois de valiosas contribuições de leitores para o aperfeiçoamento de nosso jornal, quero também fazer algumas considerações:

1. Deve-se evitar as legendas "espremidas" ao lado de fotografias, como vem ocorrendo muitas vezes. O visual fica muito a desejar.

2. A seção de cartas deve ser ampliada e estas devem ser publicadas na íntegra.

3. Deve ser criada uma seção de perguntas e respostas, para esclarecer as dúvidas.

4. Deve ser criada uma coluna permanente sobre cinema, onde se possa fazer uma análise crítica sobre filmes novos e antigos, pois dessa forma estaremos combatendo um importante meio de sustentação ideológica do capitalismo, e ao mesmo tempo valorizar as produções progressistas.

5. A cada edição deve haver um espaço para reproduzir partes das obras marxistas-leninistas.

No mais, o restante do novo projeto gráfico está excelente. (Ricardo Conduru, Belém, PA)

Jagunços matam índios Makuxi em Roraima

Dois índios Makuxi da maloca Jibóia, aldeia Santa Cruz, Estado de Roraima, foram assassinados no último dia 25 de junho por Manoel dos Santos e Edson de Tal, ambos jagunços do grileiro Newton Tavares, presidente do PDS local e candidato a deputado federal. O crime foi denunciado ontem (dia 28) pelo coordenador do Conselho Indígena de Roraima (CIR), Terêncio Luiz Silva.

Os dois, Mário Davis, 19 anos, e Damião Mendes, 35 anos, foram mortos a tiros de espingarda no momento em que juntavam uma vara de porcos. Os corpos foram encontrados às margens do Rio Maú, distante cerca de três quilômetros da casa de seus familiares.

Os assassinatos do dia 25 de junho já estavam previstos mas as autoridades locais, cientes das ameaças, na-

da fizeram para impedi-los. Segundo denunciou o coordenador do Conselho Indígena de Roraima, há muito tempo Manoel dos Santos vinha prometendo a morte ao Damião, dizendo que só sairia da região depois que tivesse tomado sangue de índio. Em abril, o CIR pediu ao promotor de justiça do Estado de Roraima e à polícia federal providências para impedir a ação de pistoleiros no território dos índios Makuxi. O grileiro Newton Tavares, dono da fazenda Guanabara, foi responsabilizado pela entidade como um dos principais insufladores da violência na região, que inclui espancamentos e assassinatos de índios, além da constante queima de malocas.

As autoridades não só não tomaram providências para impedir a violência como, desta vez, permitiram a fuga dos assassinos Edson e Manoel dos Santos.

É evidente que conflitos desta natureza só serão definitivamente resolvidos quando as terras indígenas forem demarcadas. Mais de 100 dias depois de instalado, já está passando da hora do governo Collor começar a cumprir a Constituição no que se refere a este problema. (do CIMI - Conselho Indigenista Missionário, Brasília, DF)

Unir a esquerda contra ameaças dos EUA a Cuba

É evidente, hoje mais que nunca, o esforço do imperialismo e de seus aliados revisionistas contra a sobe-

rania cubana. Aqui no Brasil, a campanha anti-socialista comandada pela Rede Globo está voltada contra a ilha que há trinta anos desafia a ganância capitalista.

Neste instante de ameaças precisamos nos unir frente à campanha anti-cubana deflagrada por aqueles que estão sempre à procura de novos escravos e novas terras para confiscar, em nome da democracia e do capital. Vamos iniciar uma contra-ofensiva, e fazer recuar mais esta campanha imperialista e revisionista, que visa iludir a classe trabalhadora e dizer-lhe que o socialismo acabou. (Rui Gil Marques, Arapongas, PR)

Por um PCdoB atuante nas universidades

Quero manifestar meu apoio ao processo de avaliação das atividades do PCdoB entre a comunidade universitária lançado nas últimas edições da *Classe Operária*. Opino sinceramente que o Partido e os militantes estão vacilando muito quanto ao processo de divulgação das idéias do PCdoB. Concordo que uma parcela desse compromisso cabe a cada um em particular; mas o fato é que as informações sobre a realidade do país e as orientações e caminho para as mudanças se encontram entre os partidos progressistas, especialmente o PCdoB. Temos, portanto, amplas condições teóricas de dirigir a luta contra os exploradores e dominadores do país.

Nós sabemos que há muitos estu-

dantes que têm um potencial enorme que precisa ser desenvolvido, que deve ser trabalhado. Vivemos um momento de crise muito grande, e o capitalismo está em declínio. É hora de avançar. As idéias progressistas devem ser colocadas na ordem do dia. O PCdoB tem que se posicionar criticamente diante destes fatos. As pessoas têm de começar a atuar no processo revolucionário. É esse o momento, e já é tarde. (Maria José, Rio Branco, AC)

Collor, grande traidor da massa despossuída

Em 60 dias de governo Collor, fui rebaixado de motorista autônomo de táxi a cambista da Loteria Federal. Parece que a renda mensal vai parar entre os Cr\$ 5.000 e Cr\$ 6.000. Só de luz a Celpa me cobrou Cr\$ 1.860 este mês. Um roubo próprio da família colorida.

Quando caminhava pelas ruas enlameadas de Altamira, hoje, lembrei de Collor e dos reflexos de seu governo em minha vida. Em Altamira ele obteve 87% dos votos válidos no dia 17/12/89. Será que Collor pensa que os descamisados e os pés-descalços ainda acreditam nele? Para ilustrar esta questão, proponho uma charge para a *Classe Operária*. Nela, Collor aparecerá sentado em um trono, com a coroa na cabeça. No lugar dos brilhantes de sua coroa haverá pistolas de raio laser apontadas para todos os lados. Ele segura três telefones, falando com Bush, Gorbachev e o Papa. Em baixo de si,

tem os descamisados de pés descalços, com seus filhos e suas panelas vazias, ajoelhados num terreno minado pelos asseclas fardados do Presidente e do imperialismo, e os respetivos comandantes atrás ou ao lado do imperador. Se possível, um painel com a frase: "Não me deixem só". (Ermânio Fernandes de Oliveira, Altamira, PA)



Presença da mulher

Entrou em circulação a edição nº 16 da revista "Presença da Mulher". Tendo como matéria de capa a questão do amor, a revista vem acrescida de um encarte teórico de oito páginas. Com isso a revista pretende contribuir ao maior entendimento dos entraves a serem superados para a total emancipação da mulher.

Essa edição da "Presença da Mulher" também aborda as diversas nuances do trabalho doméstico, que constitui um entrave à participação feminina. Faz ainda um alerta contra o governo Collor, divulga iniciativas pioneiras na produção nacional de anti-concepcionais, retrata a luta das sementeira no Paraná e publica uma entrevista com a diretora da União de Mulheres de Guiné-Bissau, dentre outros assuntos.

O preço de capa da "Presença da Mulher nº 16" é de Cr\$ 150,00. Pedidos à Editora Liberdade Mulher Ltda, Rua dos Bororós, nº 51, 1º andar, Bela Vista - SP, Cep: 01320. Fone: (011) 278-3220.

Assine já o seu jornal "A CLASSE OPERÁRIA" UM JORNAL PELO SOCIALISMO

Nome.....
Endereço.....
CEP..... Cidade..... Estado.....
Profissão.....

"A CLASSE OPERÁRIA" CUSTA MUITO POUCO:

Assinatura trimestral: Cr\$ 270,00

Assinatura semestral: Cr\$ 540,00

Preencha hoje mesmo este talão e envie cheque nominal à Empresa Jornalística A Classe Operária Ltda.

A Classe Operária

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas

Editor: José Reinaldo Carvalho

Redação: Antonio Martins, Irasson Cordeiro Lopes e Umberto Martins

Diagramação e Arte: José Luís Munuera Reyes

Centro de Documentação: Joana D'arc de Sousa e Rosane Montiel

Administração: Sandra Mateus

Secretaria: Márcia Medeiros

Assinaturas: Cláudia Medeiros

Fotografia: Agência Foton

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - CEP 01318 - São Paulo/SP

Telefone: (011) 36-7531

Telex: 11-32133

Fax: (011) 36-4104

Nas capitais: ACRE - Rua Rio Grande do Sul, 65, CEP 69900, fone: (068) 224-7329, Rio Branco; ALAGOAS - Ladeira do Brito, 72 - fones: (082) 221-4634 e 221-4728, Maceió; AMAPA - Av. Antônio G. Tocantins, 47, CEP 68900, fone: (096) 231-3370, Macapá; AMAZONAS - Rua Luiz Antony, 762, CEP 69000, fone: (092) 232-3881, Manaus; BAHIA - Av. Cons. Junqueira Ayres, 41, Barris, CEP 40115, fone: (071) 241-6522, Salvador; CEARÁ - Rua São Paulo, 1.037, CEP 60000, fone: (085) 221-4090, Fortaleza; DISTRITO FEDERAL - HIGS 704, Bloco G, Casa 67, CEP 70302, fone: (061) 225-8202, Brasília; ESPÍRITO SANTO - Rua Prof. Baltazar, 152, CEP 29020, fone: (027) 222-8162, Vitória; GOIÁS - Rua Parnaíba, 355, CEP 74000, fone: (062) 223-5571, Goiânia; MARANHÃO - Rua Desantanhina, 194, CEP 65000, fone: (098) 229.5200, São Luiz;

MATO GROSSO - Rua Comandante Costa, 548, fundos, CEP 78030, fone: (065) 321-5095, Cuiabá; MATO GROSSO DO SUL - Rua Rui Barbosa, 2.500, CEP 79010, Campo Grande; MINAS GERAIS - Rua Padre Belchior, 285, CEP 30190, fone: (031) 222-3161, Belo Horizonte; PARÁ - Rua 3 de maio, 1834, CEP 66800, fone: (091) 229-5200, Belém; PARAÍBA - Rua Almeida Barreto, 273, CEP 58020, fone: (083) 222-4413, João Pessoa; PARANÁ - Rua Mal. Deodoro, 1.161, Centro, fone: (041) 263-2049, Curitiba; PERNAMBUCO - Rua do Sossego, 53, CEP 50750, fone: (081) 222-3418, Recife; PIAUÍ - Rua Desemb. Freitas, 1.216, CEP 64020, fone: (086) 222-2044, Teresina; RIO DE JANEIRO - Rua 13 de Maio, 33, 16º andar, sala 1608, CEP 20010, fone: (021) 240-5286, Rio de Janeiro; RIO GRANDE DO NORTE - Rua Prof. Zuza, 99,

CEP 59020, fone: (084) 222-6323, Natal; RIO GRANDE DO SUL - Rua Santo Antônio, 254, CEP 90220, fone: (0512) 28-5152, Porto Alegre; RONDÔNIA - Caixa Postal 1330, CEP 78.900, Porto Velho; RORAIMA - Rua Álvaro Maia, 165 - B. Aparecida, CEP 69300, Boa Vista; SANTA CATARINA - Rua Júlio Moura, 34, CEP 88010, fone: (0482) 22-1927, Florianópolis; SERGIPE - Rua do Lagarto, 807, CEP 49015, Aracaju.

A CLASSE OPERÁRIA é uma publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária. Composição e montagem: Computare - Produções Gráficas e Assessoria de Sistemas S/C Ltda, Rua Cruz e Souza, 60 - Aclimação - São Paulo - SP - fone: (011) 285-3669. Fotolito e Impressão: Gráfica Jorvês - fone: (011) 815-4999.



Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Em "Dössie H", o escritor albanês conta o esforço de dois pesquisadores irlandeses em busca do segredo da epopeia homérica. Para isso deslocam-se para a pequenina Albânia, "única região do planeta onde se produz ainda um material poético similar ao de Homero". Em outras palavras, "é a última oficina, o último laboratório". Leia também sobre "Dössie H" artigo na página 21.



O rapsodo albanês, remanescente de um gênero em extinção
Ilustração de Qamil Prizreni

PROSA & VERSO

A última oficina da poesia épica

Ismail Kadaré

Nova York, domingo, 4 de abril.

Primeiro domingo ensolarado depois de tantos dias encobertos. Em albanês esse dia se chama *diela*, ou seja, "ensolarado".

Está bonito lá fora, mas nem pensamos em passear nem em alguma distração ao ar livre. Fascinados como estamos em nossa descoberta, tudo o mais nos parece insípido e sem alegria.

Não consigo acreditar que só 15 dias se passaram desde que essa apaixonante história começou para nós dois, Max e eu. A mais importante, a mais extraordinária, a mais vital de toda a nossa existência.

Distante, como que situada em outra estação, volta-me à cabeça aquela tarde enfadonha em que, sem saber o que fazer, meio largado no sofá, eu ouvia o rádio. Ainda mais banal me parecia a entrevista do professor Stewart, um refrão bem conhecido sobre a questão homérica, uma polêmica que se perpetuava havia trezentos anos com as duas interpretações principais, e depois a terceira, ufa!, tudo isso era para morrer de tédio. Homero era realmente o autor da *Iliada* e da *Odisséia*, ou foi apenas uma espécie de redator, ou mais precisamente o chefe de uma comissão encarregada de redigi-las...? "Claro, se queremos usar as denominações de nossa época..." - e aqui, no momento convenionado, o riso do jornalista se misturou ao do entrevistado. Que chatice! Eu começava a me levantar para baixar o volume do rádio, até havia dito para mim mesmo: eis aí um programa ótimo para chocar os burgueses, quando naquele exato momento o homerista, respondendo a uma observação do entrevistador, abriu um parêntese. Esse bendito parêntese prendeu minha atenção. "Existe um país ou alguma região do mundo onde ainda se cria talvez uma epopeia semelhante? - Pois bem, não, a sua pergunta não é absolutamente boba, respondeu o professor. Ao contrário, é muito interessante..." E o homerista, para meu grande espanto (mas não para o dos burgueses), explicou que na verdade essa região existia, que era uma área de pouca extensão, a única do mundo onde ainda se cultivaria tal gênero de poesia. Até precisou o local: encontrava-se na península balcânica, mais exatamente cobria todo o norte da Albânia, englobando também uma parte do Montenegro, até atingir cá e lá a Bósnia, em território iugoslavo. "Essa região", explicou o entrevistado, "é a única do planeta onde se produz ainda um material poético similar ao de Homero; em outras palavras, eu diria que é a única oficina, o último laboratório, para usar uma expressão contemporânea, que restitui ainda..."

Compreende-se que, simples estagiário vindo da Irlanda com meu amigo Max Roth para fazer um doutorado sobre a questão homérica na esperança (não muito grande) de trazer algum elemento novo para esse velho debate, fiquei perplexo.

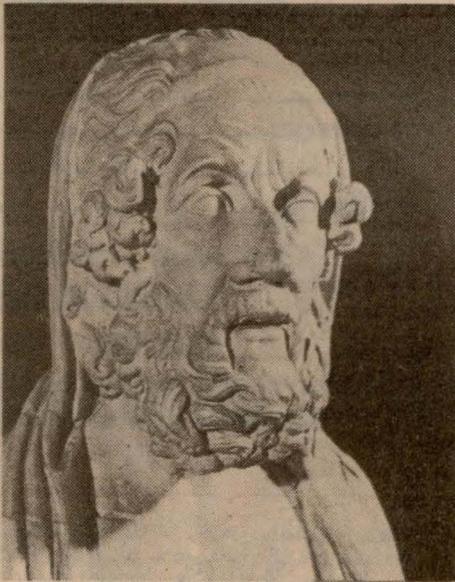
O último laboratório, repetia para mim mesmo. A última oficina. Um pouco perdido, eu agarrava essas palavras como

se minha consciência se recusasse a aceitá-las. Contudo ao mesmo tempo minha cabeça se pusera em movimento, tomada por um turbilhão louco, com as paradas e os retornos bruscos próprios do estado febril. No rádio a voz continuava a discorrer, porém eu já não a ouvia mais. A última oficina do mundo, falei em voz alta dessa vez, como para arrancar meu espírito de seu torpor. Logo essa oficina poderia desaparecer. Já corria perigo. Era preciso aproveitar antes que fosse tarde demais. Antes que caísse em ruínas, fosse recoberta pela areia ou pelo véu do esquecimento.

E me surpreendi andando pelo quarto em todas as direções. Gostaria de pensar mais demoradamente sobre esse caso, porém era impossível. Meu Deus, precisamos nos apressar!, dizia para mim mesmo. Precisamos ir para lá o quanto antes. Descobrir esse laboratório antigo. Milenar. Ver de perto como no microscópio, ouvir no estetoscópio a maneira pela qual era produzida a cera, a medula homérica, depois, dali, nos bastaria um passo para decifrar o próprio enigma de Homero.

Silêncio!, ordenei-me logo. Nenhuma palavra sobre isso a ninguém. Tirando Max Roth...

Minha cabeça continuava fervilhando. Já não era um cérebro, e sim alguma coisa parecida com as cataratas do Niágara. Como isso ainda não havia ocorrido a ninguém? Ir analisar e estudar *in loco* o mecanismo milenar que produzia esse material mágico. E o milagre se realizava ainda



Homero, criador da maior obra poética da Grécia antiga. Escultura em mármore, Museu Capitolini, Roma

em nossa época, enquanto eles, em Manhattan, Paris, Dublin, a milhares de quilômetros desse local, continuavam se dedicando a discussões estereis!

O único lugar..., eu repetia. O único ainda capaz de engendrar a poesia épica. O resto do planeta havia muito que entrara na menopausa. A única área ainda fecunda era aquela. A única que ainda seria sensível. A única que podia ser fecundada para dar nascimento às derradeiras epopéias. Se ainda esperássemos, seria tarde demais para tudo. A areia e o esquecimento acaba-

riam por cobrir tudo, até e inclusive o enigma de Homero.

Depois disso a primeira coisa que pensei foi ligar para o Max. No entanto ninguém respondeu do outro lado do fio. Sai para a rua e me pus a xingar todo o táxi que não parava. Eu me sentia incapaz de guardar para mim sozinho o que acabava de cindir ao meio meu dia e talvez minha vida. "Meu Deus, uma idéia tão formidável... ", dizia para mim mesmo, não sei bem porque, em forma de oração. De repente se apoderou de mim o medo de não conseguir confiar essa idéia a alguém. Um acidente súbito, um escorregão, e tudo voltaria a ficar sepultado para sempre... As luzes claras dos arranha-céus formigavam acima de minha cabeça. Sua indiferença era intolerável. Se pelo menos eu pudesse formular essa idéia com duas palavras num pedaço de papel... Num cartão de visita ou em meu talão de cheque... Que pelo menos ela não corresse o risco de se perder para sempre!

Acabei encontrando Max. A exaltação em que minha revelação o lançou não foi menor que a minha. Eu estava feliz. Nossas réplicas se entrecruzavam como balas. Idéia fantástica, soberba! O mundo inteiro se abalaria. A cátedra de Estudos Antigos da Universidade de Massachusetts! O Congresso dos Estudos das Civilizações do Sudeste Europeu! Nossa cidade na Irlanda, onde talvez as pessoas balançassem a cabeça com incredulidade. Willy Norton e Max Roth? Devem ter entendido mal... Com certeza são outros...

Ríamos de tudo isso. Canta! E de novo imaginávamos as repercussões que viriam. Canta, ó musa, a cólera de Harvard, do Centro Internacional de Pesquisas Homéricas - e da idiota de minha sogra Diana Stratford, - acrescentou Max...

Meu Deus, não rimos demais? Precisávamos partir imediatamente, ir para lá, para a região, para esse laboratório que entregava a alma. Anunciar nos jornalismo dia seguinte. Anunciar? Não, ao contrário, manter isso em absoluto segredo. Fingir nunca ter pensado nisso. Faltavam abutres para se abater sobre esses lugares e lá chegar antes de nós? Não, não podíamos deixar vazar absolutamente nada. Só nos restava nos pôr a caminho imediatamente. Sem dizer nada a ninguém. (...)

Não obstante nosso desejo de prolongar esse estado de graça, sentíamos que as primeiras preocupações relativas ao caminho a percorrer antes de realizar nosso projeto já haviam antecorridos atingido nossa consciência. Segundo Stewart, lá os rapsodos ainda viviam. Os últimos rapsodos, sem dúvida nenhuma, em outras palavras, os últimos homéricos. Ouviríamos e gravaríamos suas baladas. Era evidente. E não só as gravaríamos como compararíamos umas às outras. Isso também era evidente: confronto dos rapsodos, comparação das versões. Mas bastaria? Anotamos essas duas tarefas em nossos cadernos e nesse momento nos demos conta de que a aventura que nos esperava era bem mais complexa do que havíamos imaginado a princípio. Também tomamos consciência de que não podíamos nos pôr a caminho da Albânia nem em dois dias nem em duas semanas, talvez nem sequer nos dois meses seguintes, se não queríamos acabar como dois Cavaleiros da Triste Figura.

Foi assim que nos dedicamos aos verdadeiros preparativos...

Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois